



# EXTRA PAUTA

Jornal do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná - Nº 45 - outubro/novembro de 1999 - ISSN 1517-0217  
sindijor@sindijorpr.org.br - <http://www.sindijorpr.org.br>

## Patrões não querem pagar INPC integral a jornalistas

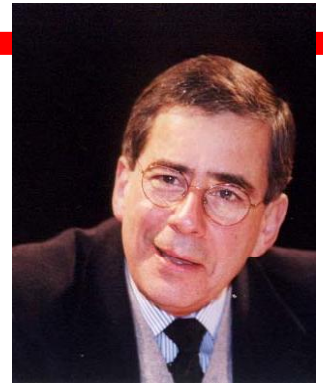


O mês de outubro foi marcado pela retomada de negociações entre patrões e jornalistas, o que não ocorria há dois anos por culpa da intransigência patronal. O impasse entre as categorias, no entanto, continua. Os patrões querem pagar 4% de reajuste ao invés de 6% e prometem 2% de abono, para compensar a diferença. O problema é o futuro: abono não se incorpora aos salários e os jornalistas perdendo esses 2%, a partir do ano que vem, para sempre.

A proposta foi negada pelos jornalistas em assembleias nas redações. A categoria agora se une com os gráficos para discutir alternativas ao impasse.

Páginas 2, 3 e 20

Marco Damásio

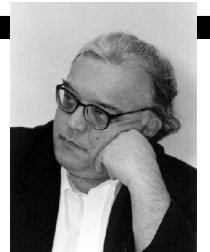


### Paulo Henrique Amorim e a liberdade de imprensa

O jornalista Paulo Henrique esteve em Curitiba, a convite do Sindicato, para falar de Liberdade de Imprensa. Na palestra, ele abordou a influência da internet e o jornalismo da Rede Globo.

Página 12

Julio Covello



### Jornalismo econômico perde Ricardo Bueno

Páginas 10 e 11

4º Congresso Estadual:  
Tecnologia a favor  
de debate sobre  
formação

Página 5

As novidades dos  
prêmios Inepar e  
Sangue Novo

Páginas 4 e 7



# Fora abono alienígena

Os jornalistas paranaenses não concordam em receber abonos, de quem quer seja, "alienígena ou não. Aliás, percebe-se que os grandes empresários da imprensa paranaense unem-se contra tudo e contra todos.

A notícia de uma possível venda do jornal O Estado do Paraná ao famigerado grupo RBS - ou alguém duvida da capacidade predatória da empresa, dominante absoluta em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, fez o Sindicato patronal sair da toca e mostrar os dentes contra os tais "alienígenas".

Na mesma linha, estranhamente, unem-se contra os jornalistas, seus pró-

prios trabalhadores, profissionais que garantem o bom funcionamento das suas empresas. Os patrões parece que mantém uma arcaica visão, confundindo seus trabalhadores como seres do mal, que estão aqui só para abocanhar seu lucro.

Jornalista não é extraterrestre, bem roga pragas ao vento. No final do mês, só queremos receber um salário digno. A cada data-base (outubro), queremos a reposição da inflação sofrida no período. Para nós, alienígena é o ABONO.

*Emerson Castro, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná*

## Impedidos de trabalhar

Os jornalistas que estiveram presentes ao julgamento de Davi de Santos Soares, Osvaldo Marceneiro e Vicente de Paula Ferreira, acusados da morte do menino Evandro, em Guaratuba, em 1992, foram impedidos de trabalhar. O julgamento ocorreu em 5 de outubro, no Fórum de São José dos Pinhais e, por determinação do juiz Marco Antônio Antonias, não foram permitidas sequer fotografias da sessão, ocorrida sob muita tensão e que terminou interrompida.

Antes mesmo de iniciarem os trabalhos do júri, o juiz enviou correspondência aos veículos de comunicação, solicitando que deixassem de publicar o conteúdo dos depoimentos, com a finalidade de que as testemunhas

não tivessem conhecimento dos outros depoimentos. No dia do julgamento, impediu que a jornalista Vânia Welte, que cobria o caso para o Hora H, e repórteres-fotográficos de outros veículos acompanhassem a sessão do Tribunal. A sessão terminou interrompida por causa do advogado de defesa, Álvaro Borges Júnior, que abandonou o plenário, acusando o juiz de estar cerceando o direito de ampla defesa dos réus.

O Sindicato dos Jornalistas manifestou seu repúdio à falta de sensibilidade do juiz Marco Antônio Antonias, para com o trabalho da imprensa, através de nota oficial enviada ao presidente do Tribunal de Justiça, o desembargador Sydney Zappa.

# Um ato de bravura

Vânia Mara Welte

**T**embro-me, na época dos anos de chumbo, estava sozinha realizando um trabalho de free-lancer em Porto Alegre, quando vi uma caminhonete escura parar e dela descer agentes policiais a procura de um cidadão. Ele não foi encontrado. Mas, no lugar dele, foi levada uma outra pessoa. Era um homem, entre 35 e 40 anos. Ele se dizia inocente. Mesmo assim, ele foi carregado no ar e atirado, pela porta de trás, para dentro daquela caminhonete. Um pouco diante da cena, e protegida por um carro, o fotografei tudo. Mas, do outro lado a rua, outro homem me observava e "me dedou" para os agentes. Eu fui agarrada por dois imensos homens, que me socaram com violência e arrancaram de mim a máquina fotográfica. Assustada, eu tentei me controlar para não perder a lucidez e o próprio controle.

Eu me identifiquei e disse-lhes que estava trabalhando. Mostrei a minha carteira profissional com o registro do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Paraná. Um dos agentes me ouviu, pegou a carteira, leu o que estava nela escrito e gritou: "Olha, o que eu faço com isto!", atirando-a longe, no meio da rua. "Isto aqui para nós é merda!" - disse aos gritos, embarcando no carro que seguiu veloz, cantando os pneus.

Eu fiquei ali, impotente. Chorando, eu fui pegar no chão a minha carteira profissional. Ao redor, muitas pessoas olharam e ouviram tudo, caladas e quietas feito estátuas de pedra. Frias e insensíveis. Eram tempos duros.

Durante muitos anos eu acordei no meio da noite, tendo pesadelo com aquela cena. Eu sentia uma fúria e uma indignação tão grande, que me era impossível continuar a dormir. Aquilo ficou na minha garganta.

No dia-a-dia do meu trabalho já fui ofendida, agredida, mal interpretada e tolhida no exercício da minha profissão. Creio que este é o

preço pago por muitos jornalistas em seu ofício.

A última violência sofrida na tentativa de realizar o meu trabalho foi praticada por ordem de um juiz. O juiz Marco Antônio Antonias deu ordem aos policiais militares de impedir o meu retorno à sala do Júri, no Fórum de São José dos Pinhais, nos momentos que antecederam o seu ato de dissolver o Conselho de Jurados, durante o julgamento de Osvaldo Marceneiro, Davi dos Santos e Vicente de Paula, acusados de assassinar o pequeno Evandro Caetano, em Guaratuba, em 1992.

Antes de dissolver o Conselho, o juiz mandou algemar os réus para serem levados em camburão ao cárcere fechado, revogando um benefício que eles haviam recebido no Superior Tribunal de Justiça, o da prisão domiciliar.

Há inúmeras questões obscuras nesse caso. Há quantas questões a serem respondidas que, em julgamento como esse, a imprensa não pode ficar afastada. Então, como entender aceitar que um juiz feche as portas aos jornalistas e repórteres-fotográficos no ato final do seu trabalho? E o que fazer diante de uma ordem judicial dessas?

Desistir? Jamais. Esperar, lutar e ir em frente. E, quando possível, buscar ajuda, respaldo e respeito ao nosso ofício.

Diferente do que aconteceu em Porto Alegre, desta vez eu não me senti só e abandonada à própria sorte. Da mesma maneira como agiu a Ordem dos Advogados do Brasil, Regional Paraná, na defesa do livre exercício profissional do advogado Álvaro Borges Júnior, que se viu obrigado a abandonar a sessão do Júri porque se sentiu impedido pelo juiz Marco Antônio Antonias, de fazer a defesa dos réus, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná reagiu e cobrou firme uma resposta do presidente do Tribunal de Justiça do Paraná.

A atenção de uma classe voltada a um gesto de intolerância para com a imprensa, com certeza, ajudou a

fazer com que o outro ato do juiz Antonias fosse reconsiderado pelo Tribunal de Justiça do Paraná. O desembargador Trota Telles - relator do processo do caso Evandro Caetano - concedeu a liminar, revogando a decisão do juiz Marco Antônio Antonias, devolvendo aos três réus o único benefício que receberam até hoje, o da prisão domiciliar. Um benefício que, em nenhum momento, eles tinham violado para merecerem ser devolvidos ao cárcere fechado.

Culpa dos ou inocentes? Eles ainda não foram julgados. Mas é preciso botar reparo em tudo o que se passa nesse caso jurídico. É preciso ficar atento e forte. Esses três homens continuam dizendo que são inocentes. Eles são pobres e nem advogados de defesa podem pagar.

Neste país, em que o ônus da prova cabe ao acusado, urge a atenção clara, precisa, lúcida e humana de cada profissional da imprensa, de cada cidadão. E, se possível, que se ponha muita paixão na defesa da justiça e do bem comum. Quem sabe assim, a sociedade consiga encontrar o seu equilíbrio moral e intelectual e suas crianças possam ser amadas e protegidas. E nunca desaparecidas.

Ou seria mais cômodo deixar como tudo está, pela ávida defesa dos interesses espúrios de alguns privilegiados?

Final, para mudar as coisas é necessário primeiro duvidar do que já está estabelecido. Depois, é necessário coragem para afirmar o contrário dos dogmas sagrados. E eu acredito que é preciso apenas razão e coração para ousar a liberdade.

Em tempo: o cidadão preso injusta e ilegalmente, em Porto Alegre, foi libertado três horas mais tarde pela interferência de um general de Exército.

*Vânia Mara Welte é jornalista da Secretaria de Estado de Comunicação Social e do jornal Hora H.*

## expediente

Extra Pauta é Órgão de divulgação oficial da Gestão Extra Pauta, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. Endereço: Rua José Loureiro, 211, Curitiba/Paraná. CEP 80010-140. Fone/Fax (041) 224-9296. E-mail:

sindjor@sindjorpr.org.br  
Jornalista Responsável  
Emerson Castro Firmo  
Reg. prof. 2230/09/1986

Redação  
Alvaro Collaço  
Revisão

Adilson Machado  
Colaboradores nesta edição  
Cláudio Dalla Benetta, Casemiro Linarth, Ciméa Bevilacqua, Eliane Bernardo, Fátima Araújo, Rosângela Oliveira e Vânia Mara Welte  
Fotografias  
Hugo Abatti, Hugo Harada, Julio

Covello, Marco André Lima, Marco Damásio, Michel Willian, Sílvio Aurichio, Urutides Borges

Ilustrações  
Noviski  
Edição Gráfica  
Leandro Taques  
Tiragem  
3.000 exemplares

As matérias neste jornal podem ser reproduzidas desde que citada a fonte. Não é de responsabilidade deste jornal os artigos de opinião e as opiniões emitidas em entrevistas, por não apresentarem,



# Propostas indecentes, dois anos depois

No último mês de outubro, os patrões lançaram-se a uma prática que era comum há dois anos. Mostraram-se dispostos a retomar o diálogo, que havia sido suspenso por eles, e apresentaram suas propostas de acordo salarial ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná e ao Sindicato de Londrina. Houve, no entanto, um problema em tudo isso: as propostas estavam muito aquém das necessidades dos jornalistas e, mesmo melhoradas na negociação pelos representantes dos sindicatos de jornalistas, não foram aceitas.

Os patrões negam-se a repor integralmente o índice da inflação do período entre outubro de 98 e setembro de 99, lançando o artifício de um abono que, uma vez aceito pelos jornalistas, significaria a renúncia de 1/3 da inflação para

sempre. Além disso, querem pagar a dívida que têm para com os jornalistas em 10 parcelas. As propostas (veja quadro abaixo) foram apresentadas pelos sindicatos de jornalistas do Paraná e o de Londrina às redações e foram rechaçadas pelos jornalistas. A categoria, ao mesmo tempo, colocou-se em mobilização para expor a atual situação salarial e o tratamento que os empresários "não alienígenas" têm dado aos seus jornalistas.

Derrota deles a vista

Toda a movimentação patronal para definir um acordo imediato, tem uma razão: a eminência de três derrotas na justiça do Trabalho. Os proprietários de jornais e revistas foram derrotados em maio e, mesmo assim, recusaram-se a pagar o reajuste de

de 3,16%, a inflação de



-Noviski-

98, definido pela Justiça. Os sindicatos entraram com uma Ação de Cumprimento de Dissídio, cujo primeiro julgamento inicia em 15 de

dezembro. Em 13 de dezembro, no entanto, está agendado outro julgamento correlato: o dissídio contra as empresas de TV e Rádio, referente ao

reajuste não pago em 98. Não bastassem esses dois julgamentos, em 23 de novembro está marcada na Delegacia Regional do Trabalho a primeira audiência sobre o dissídio salarial de 99. Um acordo, agora, com os jornalistas levaria a um término dessas pendências.

Há dois anos os sindicatos dos jornalistas mantiveram-se abertos às negociações, mas querem propostas melhores dos patrões. Como a paciência dos jornalistas chegou a um limite, a categoria parte agora para a mobilização em parceria com os gráficos, que sofrem hoje com problemas semelhantes. Faixas e panfletos foram feitos, nos quais jornalistas mostram à sociedade os problemas salariais da categoria. Afinal, como todo jornalista sabe: greve e problemas salariais de jornalistas não saem no jornal.

## 25 meses

O último reajuste de salários foi em outubro de 97. Faz, portanto, 25 meses que os jornalistas não têm reajuste salarial

### O QUE OS PATRÕES PROPUSERAM

- Pagamento em 10 parcelas da dívida (reajuste não concedido aos jornalistas em 98, equivalente a 3,16%).
- Reajuste de 4% ( parte do INPC, que é de 6% e que corresponde a inflação de outubro/98 a setembro/99).
- Abono de 2%, pago em 10 parcelas, referente a diferença entre a inflação medida pelo INPC e a oferecida pelos patrões.

### O QUE OS JORNALISTAS QUEREM

- Reajuste imediato de 3,16%, que é a inflação 97/98.
- Pagamento da dívida em menor número de parcelas.
- Reajuste integral da inflação 98/99, seguindo o índice do INPC, que é de 6%. Isso implicaria na recusa da proposta do abono.

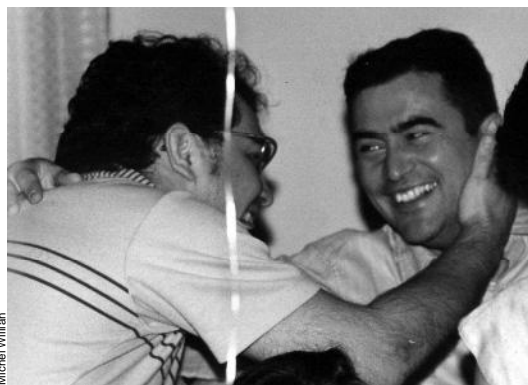
No dia 17 de novembro, às 11 horas, no Sindicato, Assembléia Geral conjunta entre jornalistas e gráficos, por um salário justo.



## 2ª edição tem inscrições abertas

Jornalistas de todo país tem até 30 de abril de 2000 para se inscrever na segunda edição do Prêmio Inepar de Jornalismo. Iniciativa da Fundação Inepar e do Sindicato, o Prêmio foi em 1998 um sucesso, com 38 trabalhos inscritos, 17 na categoria Brasil e 21 na Paraná. Na segunda edição foram mantidas as principais características do Prêmio, tais como o tema "Telecomunicações e Energia", para a categoria Brasil, e o prêmio em investimento profissional, na categoria Paraná. A principal mudança é o tema da categoria Paraná. Ao invés de Educação, os trabalhos agora serão sobre Direitos Humanos.

Ao Prêmio Inepar de Jornalismo podem concorrer as reportagens publicadas ou veiculadas



Michel Willian

Gladmir Nascimento recebe cumprimentos na entrega do Prêmio Inepar, ano passado

entre primeiro de maio de 1999 a 30 de abril de 2000. Na categoria Brasil podem ser inscritos trabalhos em mídia impressa de jornal ou revista até 30 de abril de 2000. O primeiro colocado recebe a quantia de R\$ 5 mil, em dinheiro. No caso da categoria Paraná, serão premiados trabalhos de

reportagem escrita (jornal e revista) e reportagem em televisão. Esta categoria é aberta somente a jornalistas residentes no Estado, sendo que os prêmios aos primeiros colocados serão de R\$ 1,5 mil. Os dois vencedores da categoria Paraná concorrem ainda ao prêmio extra de R\$ 7 mil, a ser utilizado pelo

jornalista na sua formação profissional, realizando cursos ou mesmo especialização. Os resultados do Prêmio Inepar de Jornalismo serão divulgados na segunda quinzena de maio, em solenidade pública que acontecerá em Curitiba. Os vencedores serão comunicados oficialmente do resultado por telefone ou via postal.

### Investimento em inglês

O Prêmio Especial na categoria Paraná é o maior diferencial do Prêmio Inepar em relação aos similares dirigidos a jornalistas em todo o país. Quem vence este Prêmio, tem de pensar em se aperfeiçoar na profissão, realizando cursos, pesquisas ou mesmo viagens de estudo. O Prêmio Especial foi significativo na vida de Gladmir Nascimento, que venceu ano passado, com a reportagem "Qualidade começa na escola", publicada na Revista QualiBrasil.

"O Prêmio me ajudou a estudar inglês. Agora, quero negociar com a Inepar, para ver se em julho de 2000 eu consigo ir ao Canadá, para fazer estágio de um mês ou dois, que é o mais indicado para aprender o idioma", diz Gladmir. Ele também estuda a possibilidade de realizar uma especialização, o que deve definir até o final do ano.

"Eu achei o Prêmio excelente, porque o dinheiro se é tentado a usar de maneiras diversas. Um prêmio que atrelado ao aperfeiçoamento, provoca a atualização na profissão, estimula ao jornalista para que ele busque opções".

### Direitos humanos é um dos temas

Um pouco antes da entrega do I Prêmio Inepar de Jornalismo, Renato Requião Munhoz das Rocha, presidente da Fundação Inepar, confirmava a continuação da parceria com o Sindicato na promoção do prêmio. "Uma parceria uma vez iniciada, você jamais vai voltar atrás. O que devemos é sempre procurar inovar", disse ele. A segunda edição vem mesmo com algumas inovações, entre as quais a mudança do tema na categoria Paraná, de Educação para Direitos Humanos.

A mudança estava prevista desde o ano passado. Com ela, o Sindicato e a Fundação Inepar tencionam motivar pauteiros e jornalistas a tratarem temas sobre Direitos Humanos e publicarem as reportagens nos jornais ou apresentá-las na TV. É uma forma de despertar nos jornalistas ações pela cidadania, algo que o Sindicato acredita ser hoje, neste final de século, absolutamente necessário.



# Em debate: formação e cidadania

Não poderia ser mais coerente. No momento em que os veículos de comunicação do Paraná registram mudanças em suas estruturas, por conta das novas tecnologias, o 4º Congresso Estadual de Jornalistas do Paraná utiliza-se das novas ferramentas para democratizar os debates e as decisões sobre os rumos da categoria. O 4º Congresso acontece de 26 a 28 de novembro, em Guarapuava, mas será transmitido simultaneamente a Curitiba, Londrina e Cascavel, para que jornalistas e estudantes de todo o Estado possam discutir o tema da formação

sob três variantes: formação profissional, a partir da universidade; qualificação profissional no mercado de trabalho, e a formação do jornalista para a cidadania.

Promoção conjunta dos sindicatos de jornalistas do Paraná e de Londrina, com organização do Sindicato dos Jornalistas do Paraná e da delegacia de Guarapuava, com apoio da Secretaria de Estado de Assuntos Estratégicos e da Intranet do Paraná, o Congresso terá debates no Mini-auditório da Universidade Estadual de Guarapuava.

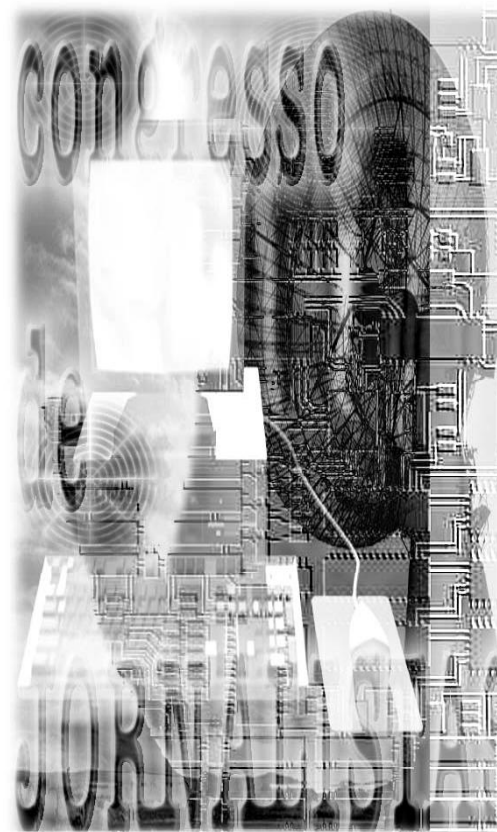
Entre os jornalistas convidados na condição de palestristas estão Elson

Faxina, assessor de imprensa da Pastoral da Criança e coordenador do projeto Criança Esperança, que abordará o tema “Jornalista e da formação para a cidadania”; Regina Festa, professora de Jornalismo na USP, que falará sobre “A formação profissional nas universidades”, e Antonio Fausto Neto, professor de pós-graduação da Universidade Vale dos Sinos-Unisinos-, em São Leopoldo, que debaterá o tema “O profissional em formação no mercado”.

## Alternativa

O sistema de vídeo-conferência desenvolvido pela Intranet e Secretaria de Estado de Assuntos Estratégicos do Paraná é adotado para o 4º Congresso Estadual de Jornalistas do Paraná e inédito do país. Ao mesmo tempo que serão transmitidos a auditórios em Curitiba, Londrina e Cascavel a imagem e o som dos debates em Guarapuava, as pessoas daquelas cidades poderão participar do evento como se estivessem ao vivo.

Em função do ineditismo desse sistema há, contudo, probabilidades de que falhas de transmissão venham a ocorrer durante o evento. Para que o Congresso não seja prejudicado, os sindicatos criaram um sistema alternativo. Convidaram um mediador para estar ao vivo, em cada cidade, preparado para prosseguir com os debates caso a transmissão de Guarapuava venha a ter problemas.



## Tecnologia é atração

A tecnologia é uma das atrações do 4º Congresso Estadual. Ao mesmo tempo que os debates se realizam em Guarapuava, em Curitiba, Londrina e Cascavel serão preparados auditórios, para que os debates em Guarapuava sejam transmitidos em sistema de vídeo-conferência. Com isso, as pessoas que estejam nessas cidades possam acompanhar os debates e contribuir com ele, como se estivessem em sua sede. É como se os quatro auditórios fossem um só, com todas as pessoas

podendo participar do debate e sendo vistas por todos.

Além deste aspecto virtual, o Congresso também traz como inovação o uso da internet. As teses estão disponíveis no site do Sindicato ([www.sindijorn-pr.org.br](http://www.sindijorn-pr.org.br)) e foram abertas salas (*chats*) de discussão, uma sobre cada assunto do Congresso: formação profissional, qualificação profissional e formação em cidadania. Para participar dessas salas, o internauta deve se inscrever com antecedência no Congresso.

### Locais do 4º Congresso

#### GUARAPUAVA

Mini-auditório do Unicentro  
R. Presidente Zacarias Góes, 875, Bairro Santa Cruz  
(42) 722-4600

#### CURITIBA

Centro Politécnico: Auditório do LAME  
(Entrada pela Av. das Torres, primeira rua à esquerda segundo bloco à direita - 1º andar), Jardim das Américas

#### LONDRINA

UEL: Sala do Conselho da Reitoria, no  
Campus Universitário  
Rodovia Celso Garcia Cid, KM 380  
(43) 371-4000

#### CASCADEL

Unioeste: Sala de Reuniões da Reitoria. -  
R. Universitária, 1619, Bairro Universitário.  
(45) 225-5353



Reprodu o/Folha do Paraná



Em imagem gravada por Sérgio Gindaki, Jordana Martinez no instante em que fogia de Nat lio Firz

## Processo pela Lei de Imprensa

A diretora executiva da Folha do Paraná e jornalista, Regina Maria Kracik, está processando a presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Londrina, Carina Paccola, com base na Lei de Imprensa. A diretora alega ter sido ofendida no artigo "Terceiriza o e desemprego oculto", publicado na edi o de julho do Jornal da Casa, editado pelo Sindicato.

No texto, Carina Paccola critica o processo de terceiriza o que vem sendo implementado na Folha, em Londrina, e a postura profissional de Regina Maria Kracik. Em nota oficial, o Sindicato de Londrina criticou o fato de

Regina se utilizar da Lei de Imprensa, que   do período da Ditadura Militar, e manteve sua posi o contra as a es da jornalista. "Com base na teoria neoliberal, cuja ineficácia está sendo comprovada dia após dia, a diretora da Folha defende uma terceiriza o que significa fraude ao contrato de trabalho. Demite jornalistas, elimina direitos e oferece em troca uma "parceria" que só favorece a Folha", diz a nota.

Regina Maria Kracik contratou o escritório de René Ariel Dotti para a acusa o. A defesa está sendo feita pelo advogado Marcelo Leal.

## Roubo no Hora H

A reda o do jornal Hora H, localizada em um edifício comercial no Jardim Schaeffer, foi arrombada. O crime aconteceu provavelmente na madrugada de 24 para 25 de outubro, de sábado para domingo, sendo só descoberto pela secret ria André Fabiana Prestes, na segunda-feira, dia 25.

Do jornal foram levados dez computadores, dois scanners, os

aparelhos de fax e os telefones, além de um aspirador de p . Em entrevista a jornais de Curitiba, a diretora do Hora H, Carolina Cattani Lopes, contabilizou ainda um material irrecuperável: todo o arquivo de fotografia do jornal, mais o arquivo de texto, que estava nos computadores. Além do jornal, também foram roubadas duas empresas que funcionam no mesmo edifício.

# Agressão a repórter

repórter Jordana Martinez e o repórter-cinematográfico Sérgio Gondaki, que trabalham na TV Bandeirantes, foram perseguidos e ameaçados de morte em 9 de setembro. Os dois profissionais se preparavam para entrevistar Marisa Taborda Maia, sobre a venda de beb s ao deputado estadual e pastor Edison Praczyk (PL), quando o seu marido, o operário Nat lio Firz, chegou

em casa.

Sem concordar com a entrevista da esposa e dizendo que os repórteres estariam prejudicando sua vida, Nat lio ameaçou-os de morte, empunhou uma foice e saiu em persegui o aos jornalistas. Para escapar, Jordana e Sérgio tiveram que passar por uma cerca de arame farpado, sendo que a agressão foi toda filmada por Sérgio.

O deputado Edison Praczyk, presidente da Comissão dos Direitos Humanos da Assembléia Legislativa,   acusado de ado o ilegal dos g meos Moisés e Priscilla. Marisa acusa o marido Nat lio e sua família de terem entregue os beb s, sob a justificativa do casal não ter condi es financeiras para poder cri los. O caso está sob investiga o policial.

## abuso patronal

# Contra homenagem

O Sindicato dos Jornalistas entregou farto material aos vereadores da Câmara Municipal de Curitiba, mostrando quem   na verdade o empresário Odone Fortes Martins. A inten o   que a Câmara volte atrás na homenagem que pretende prestar ao proprietário do Indústria & Comércio, marcada para 10 de março de 2000, concedendo-lhe o título de cidadão benemérito de Curitiba. A proposi o   do vereador Jonatas Pirkiel.

Em nota de repúdio enviada aos vereadores, o Sindicato relata os casos de desrespeito às leis trabalhistas ocorridas no I&C, como o atraso no pagamento de s lrios, o não cumprimento de acordos de rescisão, o não depósito do FGTS, o não recolhimento do INSS,

a apropria o indevida das mensalidades do Sindicato e a utiliza o abusiva de estagiários. Na nota de repúdio, o Sindicato também recorda as greves que aconteceram no jornal, bem como aponta a atitude hipócrita do empresário, que mant m o "vício de demonstrar uma solidez financeira e moral que não possui". "Enquanto não paga funcionários, rescisões a ex-funcionários e obriga es trabalhistas, além de dever inclusive a fornecedores, o proprietário passa a imagem de um profissional bem sucedido, adquirindo automóveis de luxo para si e sua família e promovendo encontros de negócios, cujas discussões não refletem a a o particular do Sr. Odone em respeito às leis e aos seres humanos", diz a nota.

## Mandado de prisão

Odone Fortes Martins escapou por pouco da humilha o de receber no Indústria & Comércio ordem de prisão, em 1 de outubro. O mandado de prisão foi deferido por Sonia Maria Lugnani de Andrade, juíza do Trabalho da 3  Subsecretaria Integrada de Execu es Penais, e previa seis meses de deten o, porque o empresário recusava-se a entregar uma central telef nica para pagar uma a o trabalhista. Odone devia o FGTS (Fundo de Garantia Por

Tempo de Serviço) ao repórter-fotográfico Roney Salda-nha.

Ao certificar que policiais iriam ao Indústria & Comércio, Odone preferiu ficar alguns dias foragido, enquanto negociava com a Justiça a quita o de seu débito. O mandado de prisão foi suspenso com a entrega da central, que será agora leiloada em 24 de novembro. O dinheiro será revertido a Roney Salda-nha.



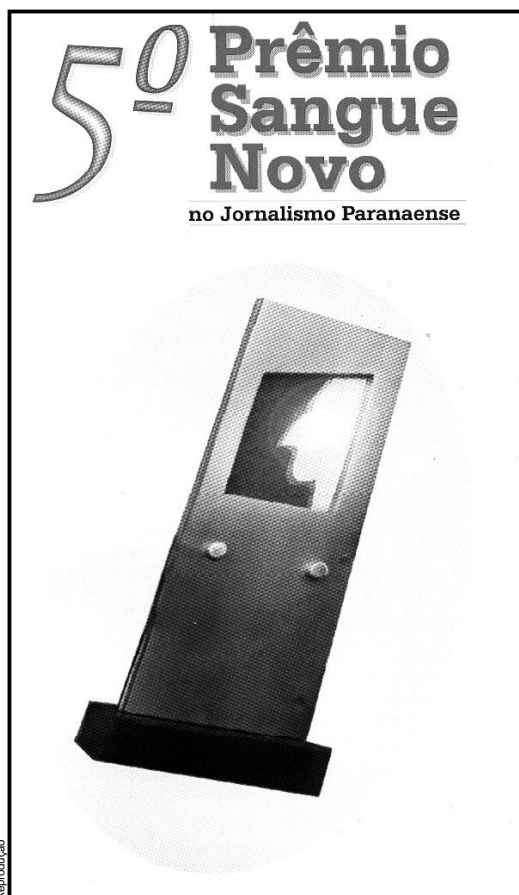
# Novidades na 5ª edição

Professores e estudantes de Comunicação, atenção: 20 de dezembro é a data-limite para as inscrições ao 5º Prêmio Sangue Novo no Jornalismo Paranaense. A perspectiva dos organizadores é que neste ano se tenha um aumento considerável de trabalhos inscritos, vez que oito cursos de comunicação estão habilitados a participar do Prêmio, três a mais que ano passado. Promoção tradicional do Sindicato, que desde a primeira edição conta com o apoio da Gazeta do Povo e da TV Paranaense- Canal 12, o Sangue Novo tem neste ano, pela primeira vez, o patrocínio do HSBC.

O aumento no número de inscrições é, neste ano, praticamente certo. Além de Universidade Federal do Paraná, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Universidade Tuiuti e das universidades estaduais de Ponta Grossa e Londrina, pela primeira vez estarão participando trabalhos do Centro Universitário Campos Andrade- Uniandrade - e do Centro Universitário Positivo - Unicenp, que tiveram em 1999 suas primeiras turmas. O Sindicato também convidou o Cesumar- Centro de Ensino Superior de Maringá -, para que seus professores e alunos participem do Sangue Novo.

## Mudanças

A quinta edição do sangue Novo traz também mu-



Reprodução

danças no regulamento. Duas novas categorias foram criadas: Projeto Jornalístico para Internet e Melhor Monografia. Ao criar a primeira categoria, o Sindicato atende a uma exigência revelada nos últimos anos, quando foram muitos os trabalhos para internet inscritos na categoria de Projeto Livre. Já a segunda categoria

nasce de um pedido de professoras, que estranhavam não haver premiações a monografias. Ao abrir a categoria, ao mesmo tempo que atende a uma exigência de quem trabalha com o ensino em comunicação, o Sindicato sinaliza a importância da pesquisa aos futuros jornalistas e a possibilidade deles virem a encontrar um

espaço o desenvolvimento de uma carreira acadêmica.

As inscrições ao Prêmio devem ser feitas em conjunto entre professores e alunos envolvidos, na Secretaria do Sindicato. Podem concorrer trabalhos realizados e/ou apresentados nas universidades entre 22 de janeiro e 20 de dezembro. Cada autor ou equipe é permitido que participe, no máximo, de dois trabalhos por categoria, sendo que não será possível a inscrição de um mesmo trabalho em mais de uma categoria. A entrega do Prêmio acontece entre março e abril de 2000.

## Julgadores

O Sangue Novo terá pela primeira vez o patrocínio do Banco HSBC, que se une aos dois tradicionais apoiadores do Prêmio, a Gazeta do Povo e a TV Paranaense - Canal 12, no incentivo deste que é o maior evento de estímulo aos estudantes de comunicação do Paraná. Em comum com Sindicato, as três empresas têm o interesse em participar de projetos de formação profissional.

Com o patrocínio do HSBC, o Sindicato vai pela primeira vez remunerar a Comissão Julgadora do Sangue Novo. Dada a procura dos acadêmicos de comunicação pelo Prêmio e o número de trabalhos inscritos, a tarefa de julgar compreende um tempo importante e muito trabalho dos julgadores.

## Sindicato faz seu 1º curso de reciclagem no interior

Guarapuava é sede do primeiro curso de reciclagem para jornalistas promovido no interior do Estado pelo Sindicato, com financiamento do Fundo de Amparo ao Trabalhador- FAT. O curso é promovido pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná, a Universidade Estadual de Guarapuava e a Secretaria de Estado do Trabalho, tendo registrado 29 jornalistas inscritos, de Guarapuava, Ponta Grossa e Região.

Por ser dirigido a profissionais do interior, onde a maioria trabalha em jornais o primeiro curso abordou o Jornalismo Impresso, do texto noticioso ao código de ética dos jornalistas. O Sindicato convidou o jornalista Marcelo Lima, professor do Centro Universitário Positivo para ministrar as aulas, que acontecem na Universidade de Guarapuava. No total são 40 horas/aulas, realizadas em três sextas e sábados alternados. A primeira aula aconteceu em 22 de outubro, sendo que o encerramento está marcado para 20 de novembro.

<p>Patrocínio</p>	<p>Apoio</p>	<p>Realização</p>
-------------------	--------------	-------------------



# Sindicato fiscaliza jornais

O Sindicato tem realizado constante vigilância sobre os jornais editados no Paraná sem jornalistas, o que não é permitido pela Lei de Imprensa e a regulamentação profissional em vigor. Nesse trabalho, mais que adequar os veículos de comunicação às exigências legais, o Sindicato contribui de forma direta para que profissionais sejam contratados, reduzindo assim os índices de desemprego na categoria.

A legislação determina que todo veículo informativo tenha um profissional responsável, que responde legalmente pelo conteúdo das matérias publicadas e cujo nome deve estar impresso no Expediente. Também determina que reportagens sejam feitas por jornalistas. No entanto, muitos jornais não cumprem essas exigências, muitas vezes por



desconhecimento dos proprietários da existência da legislação. Ao certificar-se de que um jornal está ilegal, o Sindicato envia um ofício aos diretores da empresa, destacando a necessidade de contratar um jornalista. Se não houver resposta ao ofício e solução ao problema, o caso é repassado ao Ministério do

Trabalho.

Neste ano, o Sindicato enviou 27 ofícios desta natureza. Nove ofícios foram respondidos pelas empresas, 6 foram enviados ao DRT e 12 respostas das empresas ainda são esperadas. Entre as empresas que responderam está a Universidade Tuiuti, que editou o informativo

NPGA sem jornalistas. De pronto, a Universidade atendeu as exigências legais, contratando a jornalista Layse Nascimento. Da mesma forma agiu a diretoria do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Curitiba, que passou a contar em seu *house organ* com o jornalista José

Marcos Lopes da Silva. Já o jornal "O Pescador", embora tivesse o nome de um jornalista responsável no Expediente, recebeu correspondência por ter realizado uma edição apenas com colaboradores não jornalistas. Esse problema foi solucionado após a ação do Sindicato.

Outro problema comum na edição de jornais é a publicação do Expediente somente com o nome do jornalista, sem constar o registro da Delegacia Regional do Trabalho. Ante um veículo nessas condições, o Sindicato checka o nome do jornalista com a sua listagem de associados e a que é emitida pela DRT. No caso do Informativo Botica Alternativa, o nome da jornalista Fernanda da Silva Oliveira não constava em ambas as listagens. O Informativo não estava porém ilegal. Fernanda enviou uma declaração ao Sindicato, comunicando ter o registro na DRT de Santa Catarina. Por um lapso, ela não havia até então solicitado a transferência da sua documentação ao Paraná.

## dedo na ferida

Na véspera do último jogo entre Coritiba e Atlético - que registrou cenas lamentáveis de violência entre as torcidas - o "Jornal do Estado" saiu, em seu caderno de esportes, com a seguinte manchete: "Guerra Total". O título, em princípio, tinha uma razão de ser. Durante toda a semana que antecedeu o jogo houve um festival de provocações - principalmente entre os dirigentes dos dois clubes - que acabaram desaguando na violência explícita dos torcedores no final da partida. Ponto para o jornal, que afinal foi profético e antecipou com precisão o clima do jogo. Será?

Este exemplo do "Jornal do Estado" é apenas um do que parece estar se tornando uma tendência, nas páginas

esportivas de nossos principais diários. Basta dar uma folheada ligeira em qualquer um deles para se encontrar títulos semelhantes. Palavras como, confronto, luta, briga, batalha, entre outras, são cada vez mais utilizadas para descrever uma partida de futebol, numa clara conotação de que este esporte se transformou numa guerra.

Eis aí um bom tema para reflexão. Até que ponto os jornais estariam retratando a realidade ao adotar este jargão bélico? É verdade que a rivalidade no futebol cada vez mais se parece com guerra, mas será que a imprensa também não tem sua parcela de culpa nisso?

## Estamos em guerra?

É mais do que sabido que os meios de comunicação são indutores de comportamento. Sabendo disto, alguns editores costumam tomar alguns cuidados básicos antes de publicar uma notícia. Os casos dos suicídios são um exemplo. Alguns jornais evitam publicar notícias com este conteúdo, pois já ficou comprovado que isto desencadeia novas ocorrências.

Não seria o caso de os editores de esporte tomarem o mesmo cuidado em relação ao futebol? É claro que a violência entre torcidas tem vários fatores. A imprensa, porém, pode ajudar a arrefecer os ânimos, ao invés de instigar ainda mais a

rivalidade. Isto poderia começar pelo uso de palavras corretas: o jogo é uma disputa, não uma batalha; os jogadores não são inimigos, mas adversários; não lutam, jogam; futebol é um esporte, não uma guerra.

Cronista fantasma

Vários jornais do interior do Paraná andaram publicando uma coluna chamada "Primeira Mão", assinada por "Roberto Coimbra". A Comissão de Ética do Sindicato dos Jornalistas recebeu, em outubro, uma representação denunciando que a coluna, na verdade, era redigida na Secretaria de

Comunicação Social do Governo Estadual e que o tal "Roberto Coimbra" nunca existiu. Como primeira providência a comissão enviou correspondência à Secretaria e a dez jornais, pedindo explicações.

Em resposta, assinada pelo coordenador de Imprensa, Deonilson Roldo, a Secretaria de Comunicação Social informou que não "tem qualquer participação" na publicação. Dos jornais consultados, apenas um, Tribuna do Interior, respondeu. Em nota assinada pelo diretor de redação, Nery José Thomé, o jornal confirma a publicação, mas diz não conhecer o jornalista "Roberto Coimbra".

*Conselho de Ética do Sindicato dos Jornalistas profissionais do Paraná*





# Núcleo discute *marketing* político

Um ano da eleição de novos prefeitos e vereadores, o Núcleo de Assessores de Imprensa realizou em 1 de outubro, na sede do Sindicato, um importante debate sobre “Marketing Político”. O palestrista foi o professor e publicitário Itanel Quadros, que recém retornou da Espanha, onde fez doutorado em Ciências da Informação, pela Universidade de La Laguna. Itanel analisou o político como um produto de marketing e ressaltou a importância da estratégia de campanha às assessorias, levando-se em consideração não apenas o cargo em jogo e os recursos disponíveis, mas a força da concorrência e a característica do eleitorado.

No início da palestra, Itanel fez questão de ressaltar a visão negativa que muitas pessoas e, inclusive, a mídia têm para com o marketing político. “Parece que o marketing é uma forma de manipulação, sem prerrogativas, de tentar introduzir uma coisa que não é boa, de vender um produto que não é bom, mas quem de



Hugo Abatti

Itanel Quadros: políticos não são produtos manufaturados

repente, mapeado, processado, torna-se um bom produto”. Ele lembrou um caso modelar na política brasileira: a eleição de Fernando Collor de Mello, em 1989. “Todo mundo diz que ele conseguiu chegar à Presidência porque trabalhou com marketing, mas não é só isso. O fenômeno Collor não está só ligado a questões de técnicas, de armadilhas ou de manipulações”. Itanel considerou marketing político um encontro entre comunicação, propaganda e promoção, no qual o candidato não é só detalhado, mas seu público-alvo reconhecido.

Para Itanel, o primeiro passo de uma assessoria de marketing é que ela reconheça se o político a quem trabalha é um candidato ideal ou complicado. Um candidato ideal tem como qualidades o fato de ser uma pessoa sociável, já concorreu a outros cargos e ganhou, relaciona-se bem com os meios de comunicação e tem boa penetração junto a estrutura partidária e ao eleitorado. O candidato complicado é, entre outras coisas, que detesta jornalistas e os meios de comunicação, que está no partido porque precisa de uma legenda e quer o voto,

mas dispensa o eleitor. “Uma estratégia adequada procurará corrigir ou neutralizar os aspectos prejudiciais e aperfeiçoar e expandir os aspectos positivos” destacou. Nesse processo, o assessor deve ter em mente que um candidato é diferente de um produto manufaturado. “Eu vou ‘pegar’ alguém que é um ser humano e quer ser vereador e vou criar um produto como se fosse sapato, automóvel? Não é bem assim. A técnica de marketing vai aperfeiçoar o produto, mas nunca vai conseguir um produto perfeito. Até porque não existe um político perfeito”, explicou Itanel.

O público-alvo e a vitória

Outra das ações iniciais de uma assessoria, segundo Itanel, é que ela defina qual o público-alvo do candidato e suas características. É nesta fase, segundo ele, que se instrumentalizam as pesquisas: “o meio mais seguro para subsidiar a

estratégia inicial da campanha”. A pesquisa também é importante para o estudo da concorrência: as virtudes, os defeitos e as chances reais dos candidatos que disputam com o político a vaga. Este estudo pode influir diretamente na tendência da campanha, na decisão do candidato em responder ou formalizar um ataque e qual o tom utilizará em suas respostas. “Campanha eleitoral é guerra aberta”, enfatiza Itanel, “e nela vale praticar tudo para atingir o objetivo final, preservadas as fronteiras da legalidade e da ética, obviamente”.

Nesse mesmo sentido, um “plano de campanha não passa de um meio para se chegar a um fim determinado. Cabe, nesse sentido, que a assessoria avalie frequentemente seus acertos e erros, para que seu único objetivo seja alcançado. Afinal, “ao candidato só interessa a vitória”, enfatizou Itanel Quadros.

## A expansão do *Le Monde Diplomatique*

Casimiro Eugênio Linarth

Com o naufrágio dos dogmas liberais em todo mundo, a mídia alternativa de qualidade vem encontrando em vários países uma aceitação cada vez maior. Com equipes pequenas, pouca ou nenhuma publicidade, um engajamento acentuado e um número de leitores que vai aumentando sempre mais, ela está se instalando na paisagem dos meios de comunicação.

É o caso do *Le Monde Diplomatique*, jornal mensal francês, que de 180 mil exemplares no final do ano passado, saltou para 290 mil na edição de agosto deste ano. Hoje, *Le Monde Diplomatique* está sendo publicado em sete línguas e a tiragem de suas dez edições estrangeiras é de cerca de

800 mil exemplares. A grande maioria de seus leitores é constituída por jovens e estudantes. Esse sucesso é acompanhado por uma autonomia crescente em relação ao *Le Monde*, inclusive no plano editorial.

Na Itália, o jornal é difundido como suplemento mensal pelo diário *Il Manifesto*, de Roma, e sua tiragem média é de 100 mil exemplares. Na Alemanha, está disponível por assinatura e em bancas como suplemento mensal do diário *Die Tageszeitung*, de Berlim, e sua tiragem média é de 90 mil exemplares. Na Suíça, vem como suplemento mensal em alemão do semanário *Wochenzeitung*, que tem uma tiragem de cerca de 20 mil exemplares.

Na Espanha, o jornal é traduzido

e editado por L. Press com 25 mil exemplares. No México, é publicado por Editorial San Frontières com 25 mil exemplares. E, na Argentina, é editado em espanhol por Editorial Trespuntos com 40 mil exemplares. Endereço na Argentina: Acuna de Figueroa 459 (1190) Buenos Aires.

Em inglês, *Le Monde Diplomatique* vem junto com *The Guardian Weekly* uma vez por mês e também tem assinatura especial. No mundo árabe, o jornal é editado como suplemento mensal desde o mês de março, pelo diário *Al-Nahar*, de Beirute, que tem uma tiragem de 40 mil exemplares.

Na Grécia, o diário *Eleftherotypia* publica todos os domingos oito páginas com matérias do *Le Monde Diplomatique*. Esta edição tem uma tiragem de 165 mil exemplares.

Além disso, existe em língua grega uma edição da revista bimestral *Manière de voir*, com uma tiragem de 10 mil exemplares. Essa revista publica, a cada dois meses, o que de melhor saiu no jornal e em outras publicações sobre um determinado tema. O seu número 46, de julho/agosto de 1999, tem como título “Revolução na comunicação”, com matérias escritas pelos melhores especialistas do mundo no assunto.

O jornal também tem uma versão em português, publicada pela editora Campo de Comunicação, de Portugal, com 20 mil exemplares. Endereço: Rua D. Manuel II, 33-5º, 4050-345 Porto. No Brasil, a edição em francês é distribuída pela Livraria Leonardo da Vinci, em São Paulo

(fone: 11-531-6399), e em Curitiba pode ser encontrada na banca da Rua 24 Horas e na banca do Vilsoney, no Portão (fone 345-8834).

*Le Monde Diplomatique* também tem um site na Internet, que oferece dois anos completos do jornal com textos integrais. Nele estão disponíveis matérias sobre mais de 150 países e cerca de 200 assuntos, enriquecidos com seleções de sites da Internet, sugestões de leitura e uma base de dados com uma lista comentada de mais de 500 revistas. Endereço: <http://www.monde-diplomatique.fr/>



**R**icardo Bueno faleceu em 3 de outubro, devido a um câncer. Foi um dos principais nomes do Jornalismo econômico no Brasil, nas últimas décadas. Instigante, provocativo, primou pela liberdade de opinião: uma característica pessoal, mas também herança dos nanicos Opinião, Movimento e Pasquim, nos quais trabalhou. Bueno também foi na década de 70, editor do Diário do Comércio e Indústria e chefe-de-redação do Jornal do Comércio. O jornalista vinha, atualmente, tocando projetos como o programa "Faixa Livre", da Rádio Bandeirantes, e o "Debate Brasil", na Vinde TV. Ano passado esteve em Curitiba, em 19 de junho, a convite do Sindicato e do Conselho Regional de Economia, para ministrar uma palestra a jornalistas sobre privatizações. No debate, Bueno avaliou a postura da imprensa que, segundo ele não prestou ao cidadão "o mínimo de informações necessárias que ele precisa, para discutir de maneira séria, honesta e bem informada o processo de privatização". O jornalista também concedeu uma entrevista exclusiva ao Extra Pauta, da qual foram publicados alguns trechos na edição de setembro de 98. Agora, em homenagem ao jornalista, publicamos a entrevista na íntegra.

Extra Pauta - *Você sempre trabalhou com jornalismo econômico e em 73 fazia parte da equipe do Opinião. Como era trabalhar naquele jornal, no período de maior repressão da ditadura militar?*

Ricardo Bueno - O Opinião foi o último jornal, junto com a Tribuna da Imprensa, a ser liberado de censura. A censura lá operou de diversas maneiras. Primeiro mandavam censores



Julio Cavellio

"Eu, como jornalista, tenho muitas saudades de um jornal inteligente, alternativo, crítico, que aprofunde mais os temas e acredite um pouco na transformação, na utopia"

para a redação: umas senhoras meio ingênuas, que iam lendo as matérias e negociavam com os jornalistas o que iam e não iam cortar. Acabavam cortando pouco, porque era uma negociação e o pessoal ponderava. Esse esquema, do ponto de vista da ditadura militar, acabou não funcionando. Eles (os militares) começaram, então, a mandar coronel para fazer a censura, gente que era menos permeável a negociações. Essa foi a segunda etapa. Depois, teve uma terceira etapa onde se passou a mandar material para a Polícia Federal, no Rio de Janeiro. Fazia-se o material,

tinha até uma determinada hora para produzi-lo e o material ia para Polícia Federal. Os censores faziam lá o trabalho, não se tinha acesso a eles. Uma pessoa ficava esperando e devolviam o material. Depois, não satisfeitos com isso, sempre com o objetivo de criar dificuldade, eles passaram a censura para a Polícia Federal em Brasília. Então, se tinha horário de avião para mandar o material a Brasília. Lá, uma pessoa pegava e ia para a Polícia Federal. Essa pessoa passava lá, às vezes, o dia inteiro, esperando a devolução do material.

EP - *Qual era a estrutura do Opinião?*

Ricardo Bueno - O Opinião era um jornal para classe média e intelectuais, formadores de opinião. Fernando Gasparian era o dono e o editor era o Raimundo Pereira. O secretário-executivo era o Antonio Carlos Ferreira, hoje repórter da Rede Globo. E o jornal tinha cola-boradores ilustres: Fernando Henrique Cardoso até era do Conselho Editorial do jornal, Celso Furtado, Chico de Oliveira, Paul Singer... E tinha material que ele comprava da imprensa internacional, do *New York Post*, *Le Monde Diplomatique*, que se tinha direito a traduzir. Era um jornal semanal e chegou a vender 45 mil exemplares.

EP - *Na última fase da censura, o jornal saía semanalmente desse jeito, com a redação enviando matérias para a Polícia Federal censurar em Brasília?*

Ricardo Bueno - Semanalmente. O esquema era o seguinte. O Tônico (Antonio Carlos Ferreira) esticava a corda até onde dava, no sentido de permitir ao jornalista escrever até o último momento. Quando a coisa chegava ao limite, ele ia nas máquinas arrancando as matérias. Às vezes mandava matérias com frase pelo meio, porque não poderia mais esperar, porque tinha um avião esperando. Quando as matérias vinham de Brasília, a devastação era tremenda. Se produzia dois jornais, para conseguir editar um e, em geral, as melhores matérias, as mais quentes, eram cortadas. Para você ter uma idéia, na queda do Allende (*Salvador Allende, presidente do Chile deposto e morto em 73*), o Opinião tinha um material excelente, porque a imprensa internacional estava dando material infernal sobre

isso. O Opinião, em nenhum momento, pôde tratar da derrubada de Allende no Chile. E assim, em vários outros assuntos, os cortes eram amplos, gerais e irrestritos. Sobre sexualidade, economia, política, artigos da imprensa internacional, tudo era cortado.

EP - *O jornal ia a Brasília diagramado?*

Ricardo Bueno - Iam todas as matérias. Depois que elas voltavam era feita a diagramação com o que tinha sobrado, os "salvados do incêndio". Se fazia a edição possível e nunca a edição ideal. Mesmo assim, o jornal tinha muita qualidade. O Opinião chegou a ter umas quarenta pessoas, entre colaboradores e equipe. Nunca teve anunciante e publicidade. As empresas foram pressionadas a tirar anúncios, como a editora José Olympio, e algumas preferiram pagar e não ver os anúncios publicados, para não terem problemas com a ditadura.

EP - *Você participou também do Movimento. A censura neste jornal era diferente de como foi com o Opinião?*

Ricardo Bueno - O Raimundo Pereira quando saiu do Opinião, criou o Movimento, em São Paulo. Eu era colaborador, lá do Rio de Janeiro. O Movimento enfrentou problemas com a censura, acho que não tão dramáticos quanto o Opinião. Mas enfrentou outro problema: os ataques às bancas de jornais. Quando os radicais do regime militar sentiram que a censura começava a recuar, tentaram inviabilizar esses jornais pela distribuição. Se perdia, às vezes, edições inteiras, porque as bancas eram destruídas e os jornalistas começavam a não

## homenagem



pegar o jornal, porque tinham medo de sofrer algum atentado. Havia também ameaças de ataques à redação, telefonemas de que iam fazer isso e aquilo.

EP - *Esses jornais foram o retrato do Brasil de uma época. Hoje, há falta de jornais como esses no país?*

Ricardo Bueno - Eu não sei se os leitores têm saudades. Eu, como jornalista, tenho muitas saudades de um jornal inteligente, alternativo, crítico, que aprofunde mais os temas e acredite um pouco na transformação, na utopia.

EP - *Nós não teríamos hoje algumas publicações similares, como a Caros Amigos?*

Ricardo Bueno - A Caros Amigos é uma bela publicação, mas não tem a repercussão que esses jornais tinham e a capacidade de formar opinião, de influir no debate, de congregar um grupo importante de jornalistas e intelectuais. Eu acho que haveria espaço no Brasil para um jornal de centro-esquerda, diário, para disputar banca. E acho que há público para isso. O problema é que não se consegue congrega as pessoas que façam isso.

EP - *Quais seriam os problemas?*

Ricardo Bueno - Em primeiro lugar, falta a visão de que isso é importante. Falta também concordância política, porque muita gente que gostaria de participar de um projeto desse, no fundo tem um pouco o sonho de "aparelhar" esse projeto. Aí fica difícil, não se consegue chegar a um consenso mínimo. No caso do Opinião, tinha divergências entre os jornalistas, mas havia um acordo geral com o Gasparian em determinadas teses, na postura contra a ditadura militar. No final, houve problemas de relacionamento entre Gasparian e Raimundo Pereira, no que deu o Movimento. Já no Movimento houve uma discussão mórbida, sobre se foi "aparelhado" ou não pelo PC do B, porque o Raimundo Pereira era do PC do B. O Raimundo tinha ligações com o PC do B, mas havia atentados a bombas, dificuldades econômicas e,



Julio Covatta

"A demanda exige alguém que seja conformista, que se amolde a reproduzir meramente o que é dito, que não bata de frente com os editores"

naquela época (início dos anos 80) era difícil continuar mobilizando as pessoas em torno de um projeto.

EP - *Um jornal de centro-esquerda não teria hoje problemas financeiros?*

Ricardo Bueno - Financeiros, talvez. Mas se der prioridade a um projeto como esse, acho que os recursos poderiam aparecer. Eu estive conversando com uma especialista em assessoria sobre movimento sindical e ela me disse: "Se você juntar os sindicatos da CUT, há praticamente 400 jornalistas trabalhando para ela, que são contratados". Então, se vê que tem uma massa crítica aí. Se se fizesse um acordo entre os sindicatos, que 5 a 10% desse contingente seria liberado para viabilizar um projeto, acho que se teria uma equipe magnífica. Outra coisa: todo o sindicato tem, às vezes, publicações voltadas para o seu público interno. Se, em vez de priorizar quase que exclusivamente essa

comunicação, eles diversificassem um pouco? Mas é difícil fazer isso. Quando vou para um projeto amplo, minha pretensão de controle desaparece. Eu tenho concordância no geral, mas não tenho controle sobre o produto final que vai surgir. Então, se houvesse prioridade e consciência política de que não se pode aparelhar aquilo, recursos existiriam para a gente fazer um jornal. Eu posso lhe dar um exemplo concreto. Eu faço o programa "Faixa Livre", na Rádio Bandeirantes do Rio de Janeiro, de segunda a sexta, de 7:30 às 9 horas da manhã. Este é um horário comprado por várias entidades sindicais. Eu pago a Bandeirantes, a equipe, as despesas e o programa tem independência total e faz discussão ampla, geral e irrestrita. Ninguém tenta aparelhar o programa.

EP - *A falta de projetos como esse e de espaço na mídia tradicional, não faz com que muitos profissionais deixem o Jornalismo?*

Ricardo Bueno - O problema é que entre esses profissionais há gente altamente qualificada, que tem o grave defeito de manter o espírito crítico. Quando perdem emprego no jornal, não conseguem se colocar noutra. Às vezes, são pessoas que teriam que ser absorvidas como repórter B. Quando não conseguem, começam a montar estratégias de sobrevivência que tangenciam a redação. Montam empresas de assessoria, fazem consultoria para entidades, trabalham como assessores parlamentares, escrevem livros, fazem relatórios. Continuam fazendo um trabalho que é jornalístico, mas que não é o trabalho dentro da redação, ou porque o salário é baixo, ou porque não têm sequer uma proposta.

EP - *A demanda do mercado profissional para jornalistas está exigindo o quê? Apatia?*

Ricardo Bueno - A demanda exige alguém que seja conformista, que se amolde a reproduzir meramente o que é dito, que não bata de frente com os editores. Alguém que não crie problemas e que, em grande parte, tenha um pouco a visão de jornalismo como *business*. O mercado está exigindo um profissional que não seja questionador, que não seja inquieto, que produza regularmente, que tenha acesso às fontes oficiais, que não crie problemas a elas e que tenha uma identificação ideológica com seus editores e os donos de jornais. Uma das coisas mais inacreditáveis que ocorre no jornalismo hoje em dia é que não há contradições entre os repórteres e seus editores, e os editores e o dono do jornal. Antigamente, se o cara era um editor decente, sabia que o emprego dele sempre estava correndo risco. Hoje em dia, acho que reina nas redações a paz dos cemitérios. Há um enorme consenso, uma tranquilidade e o dono do jornal não precisa se preocupar, porque os jornalistas certamente

não lhe aborrecerão.

EP - *O dono não precisa mais ler o jornal antes dele ser publicado?*

Ricardo Bueno - Não. A respeito disso há uma história fantástica de O Globo, trinta anos atrás. Fechando o jornal e fazendo a primeira página havia um jornalista que era conservador, mas que tinha um grave defeito: notícia para ele era notícia. O que vinha de notícia, ele achava que tinha de publicar. O doutor Roberto Marinho não saía do jornal sem ler a última matéria da primeira página, porque temia os critérios jornalísticos desse sujeito, embora tivesse identidade política com ele. Curiosamente, depois foi gente que se dizia de esquerda para O Globo. Com esses o Dr. Roberto Marinho fez um acordo político, disse o que era possível e o que não era, e podia ir tranquilamente para casa, antes do jornal fechar. Ao que eu saiba, nunca teve uma surpresa desagradável. Hoje, o dono pode dormir absolutamente tranquilo, que dificilmente terá qualquer problema. Agora, uma questão: digamos o dono e o editor sejam conservadores e neoliberais, mas os repórteres também são conservadores e neoliberais. A estrutura toda é. E não é que o repórter esteja fazendo aquilo a contragosto. Ele está bem adequado, adaptado, convencido de que aquilo é o certo. Há uma identidade ideológica entre o repórter, o editor, e o dono-de-jornal. E não é uma coisa imposta. Eu quero fazer uma observação final neste ponto: os ex-guerrilheiros, os ex-comunistas são os piores de todos. O cara que era de esquerda, com posições mais radicais à esquerda e que pegou em armas contra a ditadura militar, e se tornou um neoliberal, é pior do que o sujeito tradicionalmente conservador. Porque, como cristão novo, tem que mostrar serviço, tem que convencer ao mundo que está com uma nova postura, que se modernizou e se adaptou aos novos tempos. Com esses, infelizmente, não se consegue hoje ter diálogo.



# “ A internet não é democrática ”

O Auditório Londrina, do Memorial de Curitiba, foi pequeno para a palestra do jornalista Paulo Henrique Amorim, em 15 de setembro, para falar sobre “Liberdade de Imprensa”. O evento foi promovido pelo Sindicato, com patrocínio da Tim Telepar Celular e apoio da Fundação Cultural de Curitiba, em comemoração ao Dia Mundial da Liberdade de Imprensa. A duas semanas da estréia do programa Conversa Afiada, na TV Cultura (que aconteceu em 27 de setembro), o jornalista falou da sua experiência em trabalhar pela primeira vez em uma emissora pública. E comentou sobre seu fascínio pela internet, embora reconheça que ela, ao contrário do que se propaga no mundo, não é necessariamente um instrumento de democratização da informação.

“A internet é um negócio para grandes”, lembrou Paulo Henrique, destacando que a tendência mundial em comunicação, a exemplo do que ocorre em outras áreas, é o controle da mídia por grandes conglomerados. Isso já existe nos Estados Unidos, em que parcela da

informação e entretenimento é controlada por grandes empresas de comunicação, como a Time-Warner, a Viacom, a Walt Disney e a News. “No caso da Internet, o jornalista vai ter que tentar arranjar espaço para ele. O que está acontecendo na internet? O Bill Gates comprou 15% da Net. Isso significa que o buraco que a Globo abriu no chão para passar cabo, não foi um sucesso empresarial. As duas empresas de cabo no Brasil quebraram. Mas esse buraco vai deixar passar o telefone e a internet”, explica.

Paulo Henrique, que já tem acertado um chat pela Zaz, onde conversará uma hora ao dia sobre Economia, acredita que cabe aos jornalistas abrirem seu próprio espaço na internet. “O jornalista tem que abrir espaço, porque vai ter toda essa tecnologia a serviço da distribuição da informação não necessariamente jornalística e se precisa de conteúdo. Nós somos provedores”, explicou.

Nada de novo no front

Na sua palestra, Paulo Henrique Amorim também



Paulo Henrique Amorim, palestra com auditório lotado e críticas ao padrão Jornal Nacional



comentou sobre o Jornalismo que é feito na televisão brasileira, segundo ele ainda muito preso ao padrão do Jornal Nacional. “Nada houve nos últimos vinte anos, a não ser uma estrutura de distribuição de poder dentro da mídia de comunicação e a hegemonia da Globo”. Paulo Henrique lamentou que a Globo não invista hoje em coberturas internacionais como há dez anos. “Eu fui ao México cobrir o enterro do Luis Donaldo Colossio, que era candidato a presidente da República. Hoje, não creio que

algo como isso possa acontecer. A Globo sequer cobre a ofensiva terrorista muçulmana, provavelmente islâmica, na Rússia, e pouco fez na Guerra de Kosovo”, disse. Após sete anos na Globo, um e meio na Bandeirantes, onde foi “âncora” do Jornal da Band e apresentador e entrevistador do programa Fogo Cruzado, ele trabalha pela primeira vez em uma emissora pública. “Sinto que deveria já ter estado antes nessa emissora”, enfatizou Paulo Henrique,

revelando-se confiante com o sucesso do Conversa Afiada. “Volto a comentar sobre economia, o que para mim significa uma volta às minhas origens”, diz Paulo, que antes de trabalhar na televisão foi um prestigiado repórter de economia nas revistas Realidade e Veja (na década de 70 foi o correspondente internacional da revista), e editor de economia no Jornal do Brasil e no jornal O Globo.

## Curso de especialização na UFPR

O Departamento de Comunicação Social e Turismo da Universidade Federal do Paraná abriu em 3 de novembro as inscrições para o Curso de Especialização em Comunicação e Tecnologias na Educação, dirigido a comunicadores e educadores.

O curso terá carga horária de 390 horas/

aula, que serão ministradas às quintas e sextas-feiras à noite e em alguns sábados e domingos durante o dia. O curso é coordenado pelas professoras Rosa Maria Dalla Costa e Patrícia Monsão Mollo, e tem como professores convidados Décio Pignatari, poeta e professor da UTP, João Manoel Morán, professor da USP, Luciana Chianca, professora no Rio de

Janeiro e a jornalista Marleth Silva.

As inscrições podem ser feitas de 3 até 30 de novembro, em horário comercial, na sede do Departamento, na Travessa Alfredo Bufren, 140, 2º andar.

Mais informações pelo fone: (41) 360-2609

## Curso concorrido

O I Curso de Especialização em Agronegócios para Profissionais de Comunicação, aberta em 1 de outubro pelo Departamento de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná e que conta com apoio do Sindicato dos Jornalistas, tem em sua primeira turma 32 jornalistas inscritos. A procura pelo curso vem a ressaltar a necessidade dos profissionais em dominarem aspectos técnicos ligados à economia, agricultura e pecuária no Paraná.

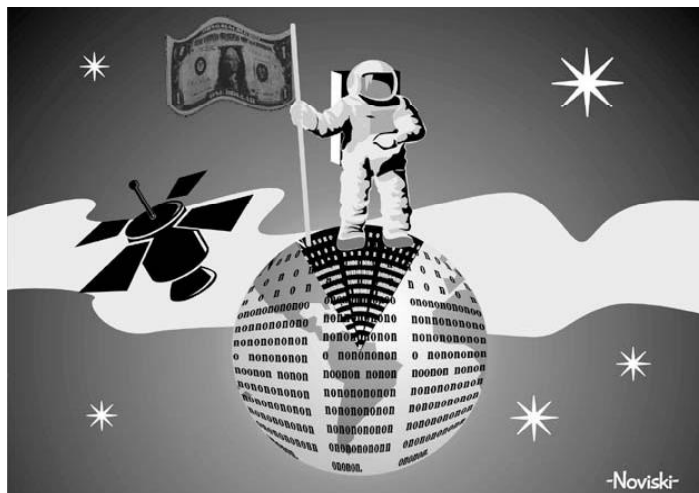
É importante destacar que as inscrições partiram dos próprios jornalistas, alguns com apoio das empresas em que trabalham. Dos profissionais que estão cursando a especialização, 13 atuam em jornais - incluindo sucursais -, 12 em assessorias, 6 em televisões e um em produtora independente. O Curso também atraiu jornalistas do interior: um inscrito trabalha em Apucarana e quatro em Ponta Grossa.



Passada fase de abertura do mercado de telecomunicações no país, agora é o momento das empresas jornalísticas e de radiodifusão terem sua legislação modificada, a fim de que possam receber investimentos estrangeiros. Em 1 de setembro foi aprovada na Comissão Especial da Câmara dos Deputados, por 14 votos a 3, o substitutivo ao artigo 222 da Constituição, de autoria do deputado Henrique Alves (PMDB-RN), que endossa a possibilidade de empresas estrangeiras participarem do capital de uma empresa, bem como de empresas pertencerem a pessoas jurídicas, o que não é possível pela atual legislação.

A mudança ao artigo 222 suscita polêmicas. Primeiro: se com a entrada de empresas estrangeiras, que oficialmente poderiam adquirir 30% de um jornal ou emissora de rádio ou TV, o veículo teria profundas mudanças editoriais, atendendo a interesses externos. A maior polêmica, no entanto, é a abertura de 100% do capital a pessoas jurídicas em revistas e jornais (em empresas de radiodifusão o limite é de 30%), o que pode encobrir quem seriam os reais pro-prietários da empresa. A Constituição permite que somente pessoas físicas tenham o controle acionário das empresas, com o

## Empresas jornalísticas poderão ter mercado de capital aberto



limite em 30% a pessoas jurídicas, sem o direito a voto.

Essa mudança prevista no substitutivo não tem a aprovação do ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga. Segundo ele, “nas pessoas jurídicas não se pode ter segurança da sua composição”. A seu favor, as intensas mudanças ocorridas na economia na “era da globalização”, em que empresas regionais estão sendo ad-

quiridas por grandes grupos empresariais ou realizam fusões. Entre os mais otimistas com a mudança ao artigo 222, está o jornalista Alberto Dines, que em artigo no Observatório da Imprensa, diz que a abertura total as empresas jurídicas permitirá que “as empresas familiares possam abrir e democratizar o seu capital, recorrer ao mercado de capitais e oferecer participações aos fundos de pensões ou

cooperativas de funcionários”.

Segundo Dines, as mudanças serão benéficas às empresas jornalísticas, porque elas estão visivelmente descapitalizadas. O jornalista vê como vantagem adicional, a legalização de alguns subterfúgios ao artigo 222, como a parceria entre o Grupo Folha e a *Quad Grafics*, que oficialmente tomou-se sua sócia não na área editorial, mas na de infra-estrutura industrial. Outra burla ao artigo 222 são

as reproduções que começam a pipocar nos veículos brasileiros, como a reprodução do *Wall Street Journal* pelo Estadão e, mais recentemente, pela Folha do Paraná, ou a versão de 24 páginas da Time, publicada às quintas pela Folha de S. Paulo. A presença estrangeira na comunicação brasileira registra, ainda, o histórico acordo entre Times e as Organizações Globo, na década de 60.

O substitutivo de Henrique Alves foi encaminhado à Câmara dos Deputados e só será aprovado se obtiver três quintos dos votos, em dois turnos. No Senado, terá de tramitar na Comissão de Constituição e Justiça. Quanto ao deputado Henrique Alves, um detalhe importante. Ele é filho do deputado e jornalista Aluizio Alves, que foi diretor-responsável da Tribuna da Imprensa, de Natal, cidade onde, a bem dos donos-de-jornal e de TV, paga-se um dos mais baixos pisos salariais a jornalistas no país.

### Gazeta do Povo compra Jornal de Londrina

Entrar de forma direta em um mercado emergente e concorrer com a Folha do Paraná, na região onde o jornal historicamente domina as vendas em bancas e assinaturas. Estas, certamente, foram algumas das intenções que pesaram para que Francisco Cunha Pereira, proprietário da Gazeta do Povo e da Rede Paranaense de Televisão, adquirisse o controle acionário do Jornal de Londrina, o que foi divulgado em 6 de outubro. O valor do investimento não foi revelado, mas extraordinariamente o grupo curitibano teria adquirido os

50% das ações da empresa, que pertenciam a sócios de Ézaro Medina, empresário da construção civil em Londrina.

A compra do Jornal de Londrina pela Gazeta do Povo não se constituiu em uma surpresa nos meios empresariais. Desde o início do ano eram fortes os rumores de que o Jornal de Londrina seria vendido, em razão das dificuldades econômicas que passava e que o fizeram até a reduzir custos com pessoal. Quanto a Gazeta do Povo, desde 95 ela tem parceria com o JL. Os dois jornais realizam

uma promoção de venda casada, através da qual os assinantes do jornal londrinense recebem gratuitamente o jornal de Curitiba.

Ao comentar a compra do Jornal de Londrina, Francisco Cunha Pereira salientou que a meta do jornal é aumentar o intercâmbio de informações entre Londrina e Curitiba. O Jornal de Londrina tem 10 anos de atividade. Em sua história esteve veiculado ao grupo do ex-prefeito de Londrina Wilson Moreira e ao deputado federal Luiz Carlos Hauy.

### Fusão e parceria

Os jornais O Globo e Folha de S. Paulo se anteciparam às mudanças que a imprensa terá com abertura de capital estrangeiro e anunciaram, em 4 de outubro, a criação de um novo jornal diário de economia. O nome ainda não está definido, mas está previsto que circulará a partir do primeiro trimestre do ano que vem. O objetivo das empresas é liderar o segmento de jornais de informação de economia, hoje dominado pela Gazeta Mercantil.

O novo jornal terá redação em São Paulo, independente de O Globo e da Folha de S. Paulo, mas se utilizará dos parques gráficos desses jornais no Rio de Janeiro e em São Paulo. O investimento anunciado pelos

grupos Infoglobo Comunicações Ltda e Folha da Manhã S.A. é US\$ 50 milhões de dólares (hoje um pouco R\$ 100 milhões de reais).

JB e O Dia

Uma parceria operacional e comercial foi efetivada entre os jornais O Dia e Jornal do Brasil, ambos do Rio de Janeiro. Desde 18 de outubro, o JB, que passa por dificuldades financeiras, está sendo rodado e distribuído pelo O Dia. A parceria tem como alvo aumentar a concorrência do JB frente O Globo, pois com passará a se utilizar do sistema *full color*, que permite a publicação do jornal inteiramente colorido.



democracia e debate

# Ponta Grossa realiza Oficina

Rosângela Oliveira

A Delegacia do Sindicato dos Jornalistas de Ponta Grossa realizou em setembro, a Oficina "Sensibilização e Criatividade". Coordenada por Anna (Noni) Leonor de Carvalho, produtora e diretora de vídeos da TV Maxambomba e TV Pinel do Rio de Janeiro, a Oficina contou com a

participação de jornalistas, estudantes e comunidade em geral, que puderam redescobrir sua sensibilidade, a fim de exercê-la na vida profissional e cotidiana, como indivíduos mais criativos e em harmonia consigo e com o mundo.

A metodologia da Oficina, que parte da conceituação para experiências práticas através

de dinâmicas com argila, papel, movimento e expressividade corporal, entre outras, é muito utilizada em trabalhos com grupos de pós-graduação e em empresas. Noni de Carvalho explica que cada um nasce com potencial criativo, que é perfeitamente visível nas crianças. Mas, com o passar do tempo, a

sociedade, família e as instituições acabam moldando essa criatividade, e ela fica sendo percebida como privilégio de uns poucos. "A oficina é um espaço para a redescoberta desse baú cheio de tesouros da individualidade humana", pondera Noni, acrescentando que "ninguém precisa deixar de ser o que é para se tornar criativo".

Visão deturpada da profissão de Jornalista

Fátima Araújo

Ponta Grossa ganha mais um jornal semanal. A Folha da Cidade veio, como consta no editorial do mesmo, "para ser o único jornal que circula às segundas-feiras". O que poderia garantir pontos positivos ao novo veículo de comunicação vem, aliado a outros, muito negativos. Apesar de ter jornalista responsável, o Jornal possui em seu quadro editorial, estudantes de Jornalismo da UEPG.

Além da ilegalidade, a Folha da Cidade conta ainda com a visão "deturpada" por parte de seu jovem diretor, Cleverton Ribeiro, a respeito do que é jornalismo e como fazer jornalismo. Adepto da filosofia de que "todos podem redigir para um jornal", Cleverton defendeu, durante a visita da Delegacia do Sindicato dos Jornalistas de Ponta Grossa à redação do Jornal, que "os estudantes que estão no veículo trabalham em forma de cooperativa e, por isso, podem escrever e assinar matérias". Na opinião dele, é errada a necessidade de uma formação jornalística, já que a universidade (neste caso a Estadual de Ponta Grossa), não contribui em nada para a formação profissional de quem a cursa.

O que o diretor, que inclusive comparece às coletivas, como se fosse jornalista, esquece, é que a formação universitária, não exclui de sua grade curricular, a ética e a responsabilidade ao tratar a informação. Ser um profissional do jornalismo não significa, simplesmente, escrever. É preciso, sim, ética e responsabilidade jornalísticas. Questões difíceis de serem cobradas de alguém que não possui formação, ou seja, que não é um profissional da área, como o dono da Folha da Cidade, que tem apenas o segundo grau.

## notas de ponta grossa

Arfoc faz exposição em Ponta Grossa

O trabalho de 38 profissionais ligados à Associação os Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Paraná, está desde o início do mês no SESC de Ponta Grossa. Numa parceria com a delegacia, a 13ª mostra da ARFOC já percorreu diversas cidades brasileiras como forma de divulgar a produção paranaense. A exposição reúne 80 fotos que retratam temas sociais, políticos, culturais e esportivos. A mostra também fará parte da programação da VIII Semana de Comunicação do curso de Jornalismo da UEPG, que acontece de 8 a 12 de novembro.

Estágio velado na Câmara Municipal

O estudante de Jornalismo da UEPG, Ricardo Sovez Oyarzabal, tanto fez, que conseguiu ser contratado como estagiário no Departamento de Imprensa e Divulgação



Exposição da ARFOC: sucesso em Ponta Grossa. Foto de Hugo Harada

da câmara Municipal de Ponta Grossa. O Setor Administrativo do Legislativo consultou a Delegacia do Sindicato para saber se a contratação seria legal e recebeu juntamente com a resposta negativa, todas as considerações legais, inclusive o número da Lei que regulamenta a profissão de jornalista no País. Mas não adiantou. O presidente da Câmara, vereador Delmar Pimentel, mandou dar um jeito de contratar o estudante, pois o pai dele é um cabo eleitoral importante, que exige a

contratação do filho. Agora, alguns dizem por lá, que o rapaz só está arquivando jornais e não produzindo matérias, mas os jornalistas já encontraram o "estagiário" em entrevistas coletivas, fazendo reportagem. É ninguém cumpre a Lei nesse País, muito menos órgão público!

Prêmio estudantil

O projeto de pesquisa "História, Mídia e Memória", desenvolvido pela estudante de Jornalismo Karina Janz Woitowicz, da

Universidade Estadual de Ponta Grossa, recebeu o Prêmio de Iniciação Científica do Brasil, da Sociedade Brasileira de Estudos Inter-disciplinares da Comunicação (Intercom). O projeto foi desenvolvido entre agosto de 98 e agosto de 99 e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico Tecnológico (CNPq), sob orientação do professor Sérgio Alcides Pereira do Amaral. A entrega do prêmio em 9 de setembro, no Rio de Janeiro, durante o XXII Congresso da Intercom.



# Das barrancas do Rio Paraná...

Cláudio Dalla Benetta

O sindicato me pede: "Volte a fazer a coluna". Dois meses depois, eu digo: "Quantos caracteres?" Porque é preciso ser assim: rápido nas decisões.

Agora, sem vínculo com jornais, sou menos telhado de vidro. Volto como leitor. E leitor do interior do Estado, aquele que os três grandes jornais paranaenses perseguem, mas quase nunca alcançam. Erram no produto, erram no marketing. E erram por ignorar os grandes competidores: primeiro, os jornais locais; depois, os jornais de São Paulo, o que não é nada bom para um Estado que sofre de crise de identidade.

Minha idéia é mostrar como o leitor que não mora em Curitiba ou Londrina é quase sempre esquecido.

Primeiro, vamos nos situar. Há coisas que a gente intui, outras que sabe. Uma rápida pesquisa em bancas de Foz, onde moro há dois anos, dá base à minha intuição: depois da Gazeta do Iguazu, o jornal da cidade, há um "empate técnico" em vendas da Gazeta do Povo, O Estado do Paraná e Folha de S. Paulo. A Folha do Paraná vem depois.

Claro, é uma pesquisa precária, já que não leva em conta as assinaturas, por exemplo. Mas é válida. Um jornalista me diz: a Folha de Londrina, depois que mudou para Folha do Paraná – nome adotado para a edição que circula fora da região de Londrina –, perdeu leitores. Faz sentido. Um anúncio "da casa", na edição da Folha do Paraná de 25 de outubro, reforça o argumento: "A Canadá Pesquisas confirmou que a Folha de Londrina é o jornal mais lembrado por 64%

população" (preposição + artigo sumiram do texto do anúncio). Estranho marketing: a Folha alardeia sua marca forte justo na sua porção mais frá-gil.

Mas, se precisa investir na marca, dos três maiores jornais paranaenses a Folha é o de melhor visual. A Gazeta continua "pesa-da", mas nesses dois anos melhorou muito: há (boas) reportagens, há um cuidado com o texto que antes não existia. Mas sofre ainda de alguns velhos males, que destrincharemos no devido tempo. O Estado do Paraná não sofreu alterações no período, mas eu diria que precisa, no mínimo, de uma recauchutada no visual. Leitor do interior é exigente.

Carta do leitor

Agora, vamos às cartas, um dado pouco lembrado quando se analisa os jornais. Leitor brasileiro escreve pouco. Quando escreve, revela muito. Sobre si e sobre o jornal que lê.

Por vários dias, aleatoriamente, colhi informações das seções "O leitor escreve" (Folha do Paraná), "Coluna do leitor" (Gazeta do Povo) e "Mural - Espaço do leitor" (O Estado do Paraná). O resultado de três dias sintetiza a pesquisa toda:

Dia 6.10. Na Folha do



Paraná, cinco cartas: três leitores de Londrina, um de Campo Mourão e outro de São Caetano do Sul (SP). O Estado do Paraná: duas cartas, dois leitores de Curitiba. Gazeta do Povo: cinco cartas de Curitiba e uma de Antonina.

Dia 13.10. Na Folha: três cartas de Londrina e uma de Curitiba. Estado: duas de Curitiba. Gazeta: cinco cartas de Curitiba.

Dia 24.10. Folha: três de Londrina, uma de Porecatu e uma de Curitiba. Estado: uma de Curitiba e outra de Guarapuava. Gazeta: quatro de

Curitiba e uma de Guaratuba.

A Folha recebe quase que exclusivamente cartas de Londrina e região; Gazeta e Estado, Curitiba e região. E o resto do Paraná, não sabe escrever? Ou, para esses leitores, os jornais de Curitiba e Londrina estão longe demais ou não expressam a realidade em que vivem?

Em Londrina, a Folha é um veículo para queixas e reclamações. O mesmo acontece com a Gazeta, em Curitiba. No Estado, as cartas são, na maioria, artigos de opinião. Os que apelam ao

jornal, confiam na sua força; os que opinam, querem fazer do jornal sua vitrine de idéias.

Com uma ou outra intenção, por que o leitor do interior participa tão pouco? Leia nas próximas edições desta coluna.

Perdão, erramos...

Agora, para delírio da galera, alguns errinhos gostosos (gostoso quando não foi a gente que errou, claro). O detalhe: na minha pesquisa aleatória, procurei e não encontrei erros gostosos na Gazeta. Abundam na Folha, tem muitos no Estado.

Folha do Paraná, 25.10, página 4: "paralisação" de servidores. Doeu! Na página 5, uma, digamos assim, colocação esquisita: "A Folha conversou a distância com Rafael Greca neste final de semana". Não, o repórter não estava do outro lado da rua. O ministro atendeu pelo telefone, de Brasília.

Economia, títulos da página 4: "Confira os indicadores sociais". E "Recadastramento orienta plano para setor de confecções".

No dia seguinte, a mania pegou no Estado do Paraná, também em Economia (será um vírus?): "Domelles prevê aumento de empregos".

Uma sugestão: que tal empregar ou mesmo "empregar" revisores?

Intimide-se com sujeito longe da ação. Caderno Cidades, O Estado, dia 23: "O decreto do presidente... não intimidaram...". Entre o decreto e a intimidação, texto longo mata concordância.

\*\*\*\*

Como se diz ali do outro lado da fronteira, *hasta la vista*.

Cláudio Dalla Benetta é jornalista



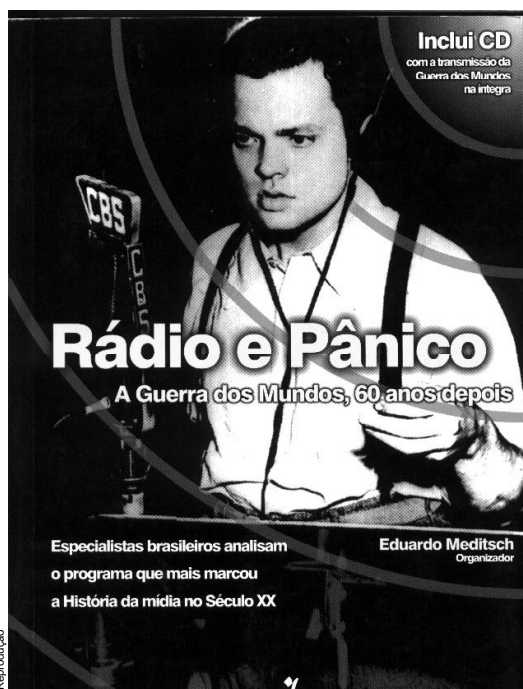
# A Guerra dos Mundos chega ao Brasil

Ciméa Bevilaqua

Ninguém que tenha passado pela faculdade de jornalismo deixou de experimentar o fascínio de um dos momentos mais extraordinários da história da comunicação de massa: a adaptação da novela *A Guerra dos Mundos*, levada ao ar por Orson Welles na rede de rádio CBS em 1938. Na noite de 30 de outubro daquele ano, pelo menos seis milhões de pessoas acompanharam o que parecia ser a cobertura ao vivo da invasão da Terra por marcianos. Um em cada cinco ouvintes não notou que se tratava de uma obra de ficção, com resultados catastróficos: tentativas de suicídio, acidentes e prejuízos incalculáveis provocados por multidões em pânico.

Entre nós, porém, *A Guerra dos Mundos* sempre foi um mito mais comentado que conhecido. A maior parte dos profissionais da área nunca teve a oportunidade de ler o roteiro, muito menos de ouvir uma cópia da gravação original. A ausência quase inexplicável de uma tradução brasileira do mais famoso programa da história do rádio levou o jornalista e professor da UFSC Eduardo Meditsch a propor, num congresso de estudiosos da área, um projeto de pesquisa coletiva que resultou no livro *Guerra e Pânico - A Guerra dos Mundos, 60 anos depois*.

O livro reúne ensaios de quatorze pesquisadores, que analisam diferentes aspectos



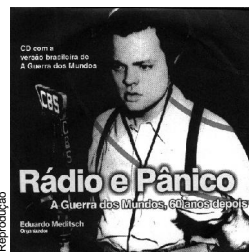
Reprodução

do programa de Orson Welles: os recursos técnicos e de linguagem utilizados na produção, o contexto da irradiação do programa nos Estados Unidos de 1938 e o impacto duradouro de *A Guerra dos Mundos* sobre o rádio-jornalismo e a comunicação de massa ao longo do século XX. E o que é melhor: além do roteiro completo, o livro inclui um CD com a versão brasileira do programa, produzido pela Associação dos Artistas da Era de Ouro do Rádio de Pernambuco. Na gravação, de 1h13min, o papel do Professor Pearson, o incrível astrônomo originalmente interpretado por Orson

Welles, coube ao ator Albuquerque Pereira.

A guerra e o pânico. Entre abril e novembro de 1937, os leitores da revista inglesa *Pearson's Magazine* acompanharam ansiosos os capítulos da novela *The War of the Worlds*, do escritor H.G. Wells, hoje considerada um marco da literatura de ficção científica. Em pouco tempo, o mundo inteiro conhecia a história da colonização da Terra por invasores marcianos, depois de exauridos os recursos de sobrevivência em seu planeta.

Quarenta anos mais tarde, a obra de H.G. Wells foi escolhida para mais uma edição do programa *Mercury*



Reprodução

Em livro e CD, a versão completa da transmissão histórica de Orson Welles

*Theater on the Air*, que apresentava semanalmente textos literários adaptados sob a direção do jovem ator Orson Welles, então com 23 anos. O roteirista era o também novato Howard Koch, que mais tarde ganharia um Oscar pelo roteiro de Casablanca.

O *script* foi feito e refeito uma dezena de vezes durante a semana, e só foi considerado pronto pouco antes de o programa ir ao ar. Além da transposição da história para os Estados Unidos dos anos 30, aproximando-a do cotidiano dos ouvintes, outra mudança foi fundamental para o impacto causado pelo programa: a formatação da novela como uma transmissão jornalística.

Já no segundo minuto, o ouvinte é levado a esquecer que se trata de uma obra de ficção, pois aparentemente a peça teatral foi interrompida por um boletim meteorológico. Em seguida, parece entrar no ar um programa de música ao vivo, entrecortado

por boletins de notícias cada vez mais frequentes, e tão mais realistas quanto mais fantástico vai se tornando seu conteúdo.

Não se sabe até que ponto os efeitos sobre o público foram premeditados pela equipe. Anos depois, o roteirista Howard Koch disse que foi dormir logo após a transmissão e só ficou sabendo dos estragos no dia seguinte, lendo os jornais na barbearia. Seja como for, ele e Welles souberam explorar com maestria os recursos expressivos do rádio para produzir um efeito de realidade capaz de levar ao desespero milhares de ouvintes.

Apenas no último terço da transmissão o engano começa a se desfazer. O rádio vai deixando de ser o protagonista da história - até porque a própria emissora é destruída pelos marcianos - e o roteiro volta à forma tradicional do radioteatro. Só então, mas para muitos tarde demais, os ouvintes puderam ter a certeza de que tudo não passara de uma brincadeira de Dia das Bruxas. Mas nunca mais o mundo veria a mídia com a mesma inocência.

O livro e o CD estão disponíveis na Biblioteca do Sindicato.

*Rádio e Pânico - A Guerra dos Mundos, 60 anos depois*, de Eduardo Meditsch (org.). Editora Insular, 237 páginas.

Ciméa Bevilaqua é jornalista e professora de Antropologia na UFPR



LIVRARIA DO CHAIN - EDITORA

Fone: (0..41) 264-3484 - Fax:(0..41) 263-1693

Rua General Carneiro, 415 - Curitiba - Pr - Cep 80060-150







# Um crítico do mundo *pop*

Ele nunca usou terno e gravata, nunca escreveu sobre política e economia e não abandonou as influências do movimento *punk* - cujas máximas eram "Faça você mesmo" e "Eu não sei fazer, mas faço"-, adquiridas na adolescência. Abonico Smith é caso raro na imprensa do Paraná, de um profissional que conquistou espaços em consequência de seu estilo de vida e do conhecimento de algo que é para muitos tênue: o mundo *pop*. Editor do *Fun*, da Gazeta do Povo, único caderno para adolescentes no sul do país, Abonico revela-se um profissional multimídia: possui um jornal na internet e faz cursos sobre a história do *rock*. Não bastasse isso, tem planos de retornar à Rádio Educativa, onde por dois anos foi o responsável pelo quadro Porão, dentro do programa "Todos os Caminhos do Rock".

Abonico Smith é pseudônimo. Antonio Carlos Florenzano não revela as razões para adotar o nome, que surgiu quando da primeira coluna que fez sobre música, publicada em 87 pelo Indústria & Comércio. Ele tinha 15 anos e contou com

apoio direto do pai, o jornalista Emílio Zola Florenzano, hoje falecido, para ganhar o espaço. Um ano depois, Abonico passaria a colaborar na Gazeta do Povo, tendo permanecido nessa condição - e sem ganhar um tostão- por seis anos e meio. A contratação definitiva viria em 94, quando da criação do Caderno G. Nessa época, Abonico já era jornalista profissional. Revela que cursou a Federal com um objetivo: continuar de forma oficial a escrever sobre música e o universo dos adolescentes.

Abonico criou na Gazeta uma coluna semanal para adolescentes, que há três anos ganhou status de caderno semanal. "O caderno Fun é hoje um grande espaço para a cultura *pop*, no qual respondo pela edição e a diagramação. Junto com Gazetinha é um dos cadernos de maior resultado na Gazeta. Há pesquisas que apontam que, com o *Fun*, 20% a mais de leitores infantis e juvenis passaram a ler o jornal", explica Abonico. Entre os méritos do caderno está o fato de tratar assuntos comportamentais e apoiar o surgimento de várias bandas de rock em



Aniele Nascimento/Gazeta do Povo

Abonico: Cultura de rua nas páginas da Gazeta do Povo

Curitiba. "Coloca-mos esses grupos na capa. Uma vez por mês sai uma capa com uma banda daqui", informa Abonico.

Outros projetos

O trabalho na Gazeta, abriu portas para que Abonico desenvolvesse projetos alternativos. No tradicional Solar do Rosário, ele promove um curso sobre

a História do Rock. Na internet, possui a revista "1999", atualizada diariamente e para qual escreve artigos que não cabem na Gazeta. Criada em parceria com o jornalista Alexandre Matias, do Diário do Povo, de Campinas, "1999" foi acessada por pessoas de vários estados do Brasil e de países da Europa, além dos Estados Unidos, Japão e até Nicarágua.

Abonico não se considera um jornalista especializado em rock, mas um "crítico do mundo *pop*", que não esconde sua aversão ao academicismo. Isso está explícito no seu próprio visual e na postura de ir ao trabalho de bermuda e usar brincos, o que para ele ainda não foi assimilado por todos os colegas. "A grande aversão ao estereótipo vem dos colegas, que dizem que sou um molequinho e um inconseqüente. Na verdade, a dificuldade das pessoas é a aceitação de uma cultura de rua". Indiferente às críticas, Abonico segue - e bem- a vida.

Serviço: O endereço eletrônico de 1999 é: [Http://pagina.de/1999](http://pagina.de/1999)

## notas culturais

### Mostra coletiva da Arfoc

A 14ª Mostra Coletiva de Fotojornalismo no Paraná abre em 16 de dezembro, no Memorial de Curitiba. Promoção da ARFOC - Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Paraná, a Mostra traz fotos de mais de 60 profissionais de Curitiba e do interior do Estado.



Marcha dos trabalhadores sem-terra ligados ao MST. Foto de Marco André Lima - O Estado do Paraná

### Literatura

Carmem Cortês Koentopp, venceu o Concurso nacional Cataratas, de Contos e Poesia- edição 1999, promoção da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu. Na categoria contos, outra jornalista entre os vencedores: Regina Benitez.

\*\*

"Histórias de Nossas Vidas", escrito por 20 ex-meninos da Fundação Educacional Profeta Elias, de Mandirituba, foi lançado em 14 de outubro. O livro teve a supervisão carinhosa da jornalista Tereza Urban.

\*\*

"Comendo bolacha maria no dia de são nunca". esse é o novo livro de Manoel Carlos Karam, lançado em 16 de outubro.



## torneio volvo de imprensa

# Torneio é decidido nos pênaltis

**T**empo nublado e muito frio. Quem acreditava que os jornalistas não comparecessem ao Torneio Volvo de Imprensa, com o tempo jogando nestas condições, enganou-se redondamente. Lá estiveram perto de 170 profissionais da imprensa, demonstrando que o futebol, disparado, não é só o esporte mais discutido nas redações, mas o que reúne o maior número de jornalistas praticantes.

Promoção da Volvo do Brasil e do Sindicato dos Jornalistas, em comemoração do Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, o Torneio aconteceu na sede da empresa. Se não foi marcado por lances de futebol arte, o Torneio o foi pela determinação dos jogadores. A decisão do título lembrou a Copa de 94. No "tempo regulamentar" empate de 1 a 1 entre a Rádio Transamérica e a Folha do Paraná. Como só uma equipe teria de se sagrar campeã, o título foi, então, decidido na cobrança dos pênaltis. A Rádio Transamérica acertou todos os pênaltis e venceu por 3 a 1. O terceiro lugar ficou com a Gazeta do Povo.

Ao todo 14 equipes participaram. Além da Rádio



Fotos: Silvio Aurichio

A tensão e descontração da torcida



A equipe da Rádio Transamérica: título nos pênaltis



Os vice-campeões da Folha do Paraná

Transamérica, Folha do Paraná e Gazeta do Povo, que despontaram desde a primeira rodada como favoritas, lá estiveram as seguintes equipes: Indústria & Comércio Futebol Clube, Seleção Band de Futebol e Regatas, Jornal do Estado Futebol Clube, Agência Rural de

Notícias, O Estado do Paraná, Prefeitura Municipal de Curitiba, Rádio Clube-B2, Secretaria de Estado da Comunicação Social e Extra Pauta. Os jornalistas da TV Paranaense de Televisão lá estiveram com duas equipes: uma levou orgulhosamente o nome da empresa, outra do telejornal Paraná TV.

## convênios

### Bares e restaurantes

Descontos de 10% nos seguintes bares e restaurantes:  
**Bar Brahma** ( Av. Getúlio Vargas, 234, esquina com R. João Negrão, fone 224-1628),  
**Bar do Alemão** ( Largo da Ordem, fone 223-2585),  
**Churrasquinho de Gato** ( Av. Água Verde, 531, esquina com R. Castro, fone 342-5874),  
**Shima Restaurant** (Rua Pres. Taunay, 892, fone 224-3868).  
**Blockbuster**  
 Promoção. A cada fita locada, o jornalista pode levar duas. Válida para quem se cadastrar na Blockbuster. Ao retirar as fitas, o

jornalista deve, pessoalmente mostrar a carteira de identidade da Fenaj atualizada.  
**Estação Plaza Show**  
 Entrada gratuita aos jornalistas. A promoção só não é válida aos cinemas, que cobrarão do jornalista preço integral do ingresso.  
**Academia Kine**  
 Ginástica, Nutrição e Fisioterapia. Desconto de 20%. R. Mauá, 706 B, Alto da Glória. Fone 253-3841.  
**Aquática**  
 Vários planos para natação, ginástica, musculação e hidroginástica. R. Antonio

Grade, 563, fone 335-1310.  
**Metropolitan Sports**  
 Desconto de 25% nas aulas de natação, hidroginástica, musculação, step, localizada e dança de salão. R. Emiliano Pernetá, 297, Piso L.  
**Good Life**  
 Serviços de Odontologia, Medicina, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Psicologia e Massoterapia. Descontos e tabelas especiais, de acordo com sua necessidade. Endereços: R. Padre Agostinho, 2800, fone 335-4362 (Odonto e Fono); Av. Silva Jardim, 266, fone 233-2577 (Fisio); R. Padre Anchieta, 1826,

## serviço

### SALÁRIOS DE INGRESSO

Repórter, redator, revisor, ilustrador, diagramador, repórter fotográfico, repórter cinematográfico

973,23

Editor

1265,22

Pauteiro

1265,22

Editor chefe

1459,87

Chefe de setor

1459,87

Chefe de reportagem

1415,15

Estes são os menores salários que poderão ser pagos nas redações; Em julho o menor salário pago nas redações foi de R\$ 973,23.

Os valores da tabela são para jornada de trabalho de 5 horas.

O piso salarial da categoria é definido em Acordo Coletivo de Trabalho, Convenção Coletiva e/ou Dissídio Coletivo.

### FREE LANCE

Redação

Lauda de 20 linhas (1.440 caracteres)

52,34

Mais de duas fontes:

50%

a mais

Edição por página

Tablóide

67,72

Standard

81,15

Diagramação por página

Tablóide

33,86

Standart

46,20

Revista

25,25

(\*) Tablita / Ofício / A4

17,23

Revisão

(\*) Lauda (1.440 caracteres)

13,66

(\*) Tablóide

28,51

(\*) Tablita

21,54

(\*) Standard

59,53

Ilustração

(\*) Cor

80,77

(\*) P&B

53,84

Reportagem fotográfica - ARFOC

Reportagem Editorial

Saída cor ou P&B até 3 horas

123,14

Saída cor ou P&B até 5 horas

230,87

Saída cor ou P&B até 8 horas

307,84

Adicional por foto solicitada

23,23

Foto de arquivo para uso editorial

184,70

Reportagem Comercial/Institucional

Saída cor ou P&B até 3 horas

244,92

Saída cor ou P&B até 5 horas

435,76

Saída cor ou P&B até 8 horas

615,70

Adicional por foto

46,20

Reportagem Cinematográfica

Edição e montagem em vídeo

177,00

Adicional por hora

26,92

Oferece serviços com até 50 unidades

400,00

Adicional por hora

177,00

Adicional por hora

26,92

Adicional por hora

177,00

Adicional por hora

26,92

Adicional por hora

177,00

Adicional por hora

26,92

Adicional por hora

177,00

Adicional por hora

26,92

Adicional por hora

177,00

Adicional por hora

26,92

Adicional por hora

177,00

Adicional por hora

26,92

Adicional por hora

177,00

Adicional por hora

26,92

Adicional por hora

177,00

Adicional por hora

26,92

Adicional por hora

177,00

Adicional por hora

26,92

Adicional por hora

177,00

Adicional por hora

26,92

especiais para os jornalistas. Mais informações pelo telefone 336-7308. O fax da clínica é 335-54652  
**Farmácia Dassette**  
 Desconto de 10% no pagamento à vista, ou prazo de 30 dias com cheque pré-datado, sem desconto. Av. sete de Setembro, 4655 e 4853, ou pelo Disque Remédio, fone 244-9911.

\* Para usufruir destes convênios, os associados devem apresentar a carteira de identidade de jornalista.



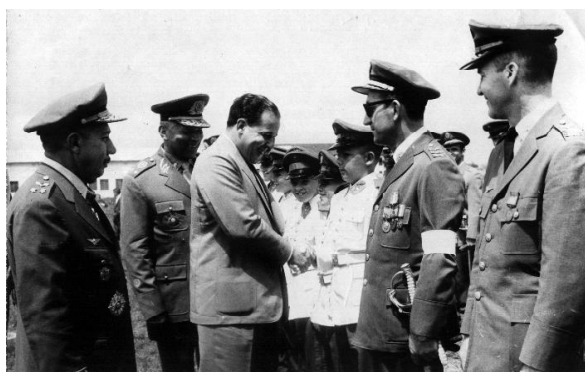
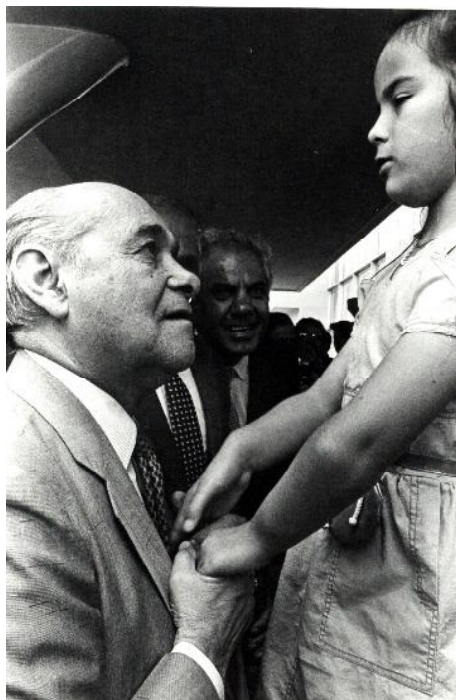
# Urutides Borges

Foi em setembro. Urutides Borges deixou a Gazeta do Povo e pendurou definitivamente a máquina fotográfica. Oficialmente aposentado em 93 pela Gazeta, e em 94 pelo Palácio do Governo, Borges aos 69 anos quer agora se dedicar só à família: a mulher e aos dois filhos.

Natural de Araguari, Santa Catarina, Borges trabalhou 43 anos como repórter-fotográfico. Foi um ano no Diário do Paraná – seu primeiro emprego, em 56-, seis na Tribuna do Paraná e 33 na Gazeta do Povo, para onde fotografou de 66 até setembro último. E trabalhou de 65 a 94 na Comunicação Social do Palácio Iguaçu.

Profissional do tempo em que as Rolleiflex eram as preferidas nos jornais, pelas lentes de Borges passaram episódios como a Guerra do Pente e alguns dos principais políticos do país e do Estado nos últimos 40 anos. Entre os quais: um João Goulart sorridente com militares, um ano antes do Golpe de 64, e um Tancredo Neves com uma menina, retrato do Brasil democrático que se desenhava em 84.

Sem se imaginar com um passado que pudesse ter sido diferente, Borges deixa o jornalismo contente. “Eu tive uma vida muito gratificante”, diz. “Conheci tanta gente, que até parece que vivi mais”.

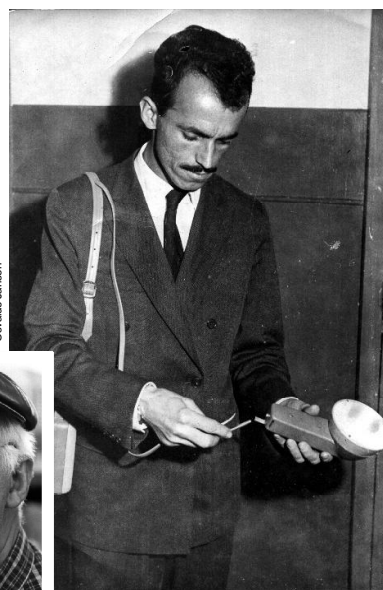


## Adeus às máquinas

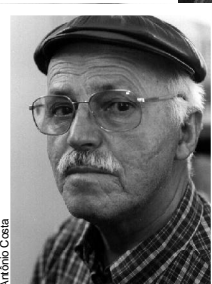


Em sentido horário, a partir do alto, fotos de presidentes: Tancredo Neves e uma menina, em Curitiba, durante o início da campanha Diretas Já, em 1984; João Goulart e militares, um ano antes de ser deposto em 64; João Figueiredo na inauguração da fábrica da Volvo, em 84 (ao seu lado estão Karlos Rieschbieter e o então governador Ney Braga), e Humberto Castelo Branco, em 65, com o então secretário da Agricultura, Paulo Pimentel, ladeados pelo chefe-de-gabinete de Castelo, Ernesto Geisel.

Ao lado, duas fotos de Borges: a maior, quando sua máquina foi destruída, por ele ter fotografado bicheiros para a Tribuna, em 57. A menor, agora, aos 69 anos.



Coverello Jensen



Artêrio Costa



# M A N I F E S T O

Para tudo tem limite. Nossos salários não são reajustados há 24 meses e os patrões, agora, querem que aceitemos um reajuste menor que a inflação.

Tenha santa paciência ! Queremos, no mínimo, reposição salarial e não um abono como compensação das perdas, porque este abono não será incorporado ao salário em negociações futuras. Quanto a dívida dos patrões, ela existe porque eles não querem reconhecer nosso direito em não perdermos a dignidade diante de uma inflação crescente.

Aceitar essas propostas é dar um presente de Natal a quem nos cozinha lentamente.

Para tudo tem um limite. Por isso jornalistas e gráficos estão juntos e mostrarão que as coisas têm que mudar.

A presença de todos é imprescindível. Só assim teremos salário e condição de vida decentes.

Assembléia Geral em 17 de novembro, às 11 horas.